

Diego Lops



PESSOAS
PARTIDAS

Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari, 514 - *Campus* de Goiabeiras
CEP 29075-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 - *E-mail*: edufes@ufes.br
<http://www.edufes.ufes.br>

Reitor | Reinaldo Centoducatte
Vice-Reitora | Ethel Leonor Noia Maciel
Superintendente de Cultura e Comunicação | José Edgard Rebouças
Secretário de Cultura | Rogério Borges de Oliveira
Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial | Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Giancarlo Guizzardi, Gilvan Ventura da Silva, Giovanni de Oliveira Garcia, Glicia Vieira dos Santos, Grace Kelly Filgueiras Freitas, José Armínio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Luis Fernando Tavares de Menezes, Sandra Soares Della Fonte

Secretaria do Conselho Editorial | Douglas Salomão, Tânia Canabarro

Revisão de Texto | Roberta Soares
Projeto Gráfico e Diagramação | Ana Elisa Poubel
Capa | Willi Piske Jr.
Revisão Final | Jussara Rodrigues

III Prêmio Ufes de Literatura 2015-2016

Comissão Organizadora | Bernadette Lyra, José Edgar Rebouças, Roberta Estefânia Soares, Rogério Borges de Oliveira, Washington Romão dos Santos

Comissão Julgadora da categoria Livro de Contos e Crônicas | Ana Penha Gabrecht, Renata Oliveira Bomfim, Tarcísio Bahia de Andrade

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

L864p Lopes, Diego Vieira, 1976-.
Pessoas partidas [recurso eletrônico] / Diego Lops. - Dados eletrônicos. - Vitória : EDUFES, 2016.
109 p. - (III Prêmio Ufes de Literatura ; 4)

ISBN: 978-85-7772-352-2

Também publicado em formato impresso.

Modo de acesso: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/774>>

1. Contos brasileiros. 2. Crônicas brasileiras. I. Título. II. Série

Diego Lops


PRÊMIO
UFES DE
LITERATURA
VOLUME 4
LIVRO DE
CONTOS E/OU CRÔNICAS

*PESSOAS
PARTIDAS*



EDUFES

VITÓRIA, 2016

APRESENTAÇÃO

A história do Prêmio Ufes de Literatura começa em 2010, num período repleto de desafios para o mercado editorial, com recursos escassos e baixa articulação do segmento. Apesar das adversidades, não faltou comprometimento da Editora da Ufes (Edufes) e da Secretaria de Produção e Difusão Cultural (SPDC), hoje Secretaria de Cultura da Ufes (Secult/Ufes). As discussões foram comandadas pela então secretária e diretora da Editora com o apoio do Conselho Editorial da Edufes e dos membros da Comissão Organizadora, interessados em premiar as melhores obras inéditas nas categorias poemas e contos, originando um livro com a coletânea dos textos selecionados.

Com os objetivos de fomentar a produção de obras literárias de qualidade, promover a literatura nacional e revelar novos talentos, a segunda edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2013-2014, já no contexto da vinculação da Edufes à Superintendência de Cultura e Comunicação (Supecc), veio com uma nova proposta, ampliando o número de modalidades e categorias, de publicações e premiados. O concurso recebeu textos inéditos de escritores nas modalidades Autor e Antolo-

gia. As categorias autorais foram: Livro de Poemas, Livro de Contos e/ou Crônicas, Livro de Romance e Livro de Literatura Infantojuvenil. Para a modalidade Antologia, as categorias contempladas eram Coletânea de Poemas e Coletânea de Contos e/ou Crônicas.

Dando continuidade aos objetivos estabelecidos, a terceira edição do Prêmio Ufes de Literatura, em 2015-2016, ampliou para sete as categorias contempladas e atraiu 515 candidatos, de todas as regiões do Brasil e do exterior, que inscreveram suas obras, posteriormente analisadas por um júri composto por onze especialistas divididos em cinco comissões. Entre os 26 vencedores do prêmio estão escritores de Alagoas, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pará, Paraná, Santa Catarina, São Paulo e Rio Grande do Norte.

Nesta edição, sete livros são publicados. Na modalidade autoral, temos as seguintes categorias: Livro de Poemas, Livro de Contos e Crônicas, Romance, Livro de Literatura Infantil e Livro de Literatura Juvenil. E na modalidade antologia, temos a Coletânea de Poemas (a qual contempla dez autores premiados) e a Coletânea de Contos e Crônicas (que contempla onze autores). Seguem as listas das comissões e dos premiados por modalidade/categoria.

COMISSÕES

Comissão Organizadora

Bernadette Lyra (Anhembi Morumbi), José Edgar Rebouças (Supecc), Roberta Estefânia Soares (Edufes), Rogério Borges de Oliveira (Secult), Washington Romão dos Santos (Edufes).

Comissão Julgadora da categoria

Livro de Literatura Infantil

Fabiano de Oliveira Moraes (Ufes), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).

Comissão Julgadora da categoria

Livro de Literatura Juvenil

Fabiano de Oliveira Moraes (Ufes), Gabriela Rodella de Oliveira (USP), Maria Amélia Dalvi Salgueiro (Ufes).

Comissão Julgadora das categorias

Livro de Poemas e Coletânea de Poemas

Carlos Eduardo Guimarães (escritor e jornalista), Orlando Lopes Albertino (Ufes).

Comissão Julgadora das categorias Livro de Contos e Crônicas e Coletânea de Contos e Crônicas

Ana Penha Gabrecht (Ufes), Renata Oliveira Bomfim (Afels),
Tarcísio Bahia de Andrade (Ufes).

Comissão Julgadora da categoria Livro de Romance

Andréia Penha Delmaschio (Ifes), Camila David Dalvi (Ifes),
Nelson Martinelli Filho (Ifes).

PREMIADOS

M o d a l i d a d e A u t o r

Livro de Literatura Infantil

Menina com brinco de folha,
de Marcella Lopes Guimarães (PR);

Livro de Literatura Juvenil

O coração range sob as estrelas,
de Lila Maia (RJ);

Livro de Poemas

Cortejo & outras begônias,
de Airton Souza de Oliveira (PA);

Livro de Contos e/ou Crônicas

Pessoas partidas,
de Diego Lops (RS);

Livro de Romance

O segundo caçador,
de Bruno da Silva Crispim (RJ).

PREMIADOS

M o d a l i d a d e A n t o l o g i a

*Coletânea de Poemas**

“Suicidário”, de Maria Terezinha da Silva (SC);

“Poesia visível”, de Talitha Borges da Silva (SP);

“Nunca mais”, Tatiana Alves Soares Caldas (RJ);

“Interno retorno”, de Francisco Augusto Kurkievicz de Araujo (ES);

“Entre ensaios”, de Yasmin Miyeko Nascimento Nariyoshi (ES);

“Seiva endêmica”, de Guilherme José da Costa (SP);

“10 poemas para o vento”, de Rodrigo de Menezes Gomes (RN);

“O sumo dos instantes”, Márcio André Oliveira Santos (MG);

“Atrator(es)”, de Lino Machado (ES);

“Nós mesmos, costumeiramente”, de Erly Milton Vieira Junior (ES).

**Obs.: O escritor Márcio Dison da Silva (SC) informou, posteriormente, que seus poemas seriam publicados por outra instituição, o que o tornou inabilitado para a premiação, conforme o regulamento.*

Coletânea de Contos e/ou Crônicas:

- “7”, de Douglas Rosa da Silva (RS);
“Interiores”, de Camila Lobato Rajão (SP);
“A tempestuosa existência do tempo”, de Ingrid Nogueira Freitas (CE);
“Pés gregos”, de Letícia Fernandes Malloy Diniz (MG);
“Contradições”, de Emerson Figueiredo e Souza (MG);
“Encontro não declarado de histórias vindas de qualquer lugar”, de Gabriel do Nascimento Barbosa (P. Aleph Gímel) (ES);
“Assovios”, de Paulo Sérgio dos Santos Sena (ES);
“O segredo e outras histórias”, de Maria Aparecida Sanches Coquemala (SP);
“Paraguai”, de Joaci Pereira Furtado (SP);
“Andarilho”, de Marcos Vinícius Lima de Almeida (SP);
“Ribeiras”, de José Genival Bezerra Ferreira (AL).

Aproveitamos este espaço para, mais uma vez, agradecer a colaboração dos membros das comissões julgadoras, que se debruçaram em tão nobre tarefa, parabenizar os inscritos pelo esforço e confiança, especialmente os contemplados com o Prêmio, e desejar a todos uma ótima leitura.

Comissão Organizadora do *III Prêmio Ufes de Literatura*

Cada tentativa para sair fora da jaula está destinada ao fracasso: é inútil procurar por você mesmo num mundo que não lhe pertence, que talvez não exista. (...) não desvie sua atenção nem por um instante, basta uma distração para que esse espaço construído ao seu redor para conter e vigiar seus medos se rompa e termine em pedaços.

Italo Calvino

Sumário

O homem cordial	13
Transmissão interrompida	22
Helen	24
O ilusionista e a lebre	30
A melhor forma de morrer	32
Sete anos e oito meses	39
Não domingo	43
Buenos Aires não tem fim	47
Pessoas partidas	52
Sempre aqui comigo	57
Do lado de lá da ponte	59
Despedida	62
O Grande Circo	71
Passeio noturno	76
Se der, eu volto	79
Paisagem campestre	83
Enclausurado	88
Durmo	91
Clarissa	93
15h30min	95
O reverso do silêncio	100

O homem cordial

I

O alarme tocou às seis e cinquenta, mas me cedi mais dez minutos. E mais dez. Quando me dei conta de que horas eram, nem tomei banho, saí correndo de casa, antes recheando minha boca com um pão francês amanhecido e borrachento.

Como o elevador estava no décimo oitavo andar, preferi ir pelas escadas até a garagem. Do seu posto, vi o porteiro acenar para mim, presumindo que eu tivesse acenado de volta por trás do vidro escuro do meu carro. No escritório, fui direto à minha mesa, para compensar um atraso que, pela minha pressa, acabou não acontecendo. Depois de checar e responder dezessete e-mails e apagar cerca de duas dezenas, finalmente levantei da cadeira pela primeira vez, para buscar um café. No corredor, a secretária Wylma passou por mim com um sorriso que se esvaneceu tão logo seus olhos cruzaram com os meus. Seu cansativo “Bom dia, Dr. Marcos” foi interrompido na metade, pois depois da segunda sílaba seus lábios se moveram sem produzir qualquer som. Mas não foi apenas isso. Seus músculos faciais se contraíram com um pequeno choque, ao mesmo tempo em que suas sobrancelhas se afastavam dos olhos.

No almoço, fui com três colegas a um restaurante próximo ao nosso prédio. Após sentar com o meu prato, no qual havia colocado um medalhão de porco enrolado com bacon, coração de galinha e uma fatia de vitela com queijo derretido por cima, além de uma salada de alface, me percebi examinado. Todos, sem parar de conversar, lançavam por vezes olhares na altura

do meu prato. Conversamos sobre o trabalho e sobre as eleições que se aproximavam. E os olhares continuavam. Não resisti e perguntei rindo se queriam alguma coisa do meu prato, o que pareceu deixar todos constrangidos.

De volta ao escritório, meu chefe me chamou à sua sala.

– Marcos, está se sentindo bem? – disse ele.

– Estou ótimo – respondi já intrigado.

– Tem certeza?

– O que é que foi, Paulo?

– Olha, quem sabe tira a tarde de folga. Vai pra casa, descansa.

– Mas eu tô bem!

Ele me olhou sério. Saiu de sua cadeira, colocou a mão no meu ombro e disse:

– Acho que não.

Pra provar, ainda fiquei mais uma hora no escritório depois do fim do expediente. Cansado, fui direto pra casa e desisti de encontrar o pessoal para o happy hour de sexta-feira. Sábado pela manhã fui caminhar pelo calçadão do lago perto de casa. Fazia sol e o movimento era bom para aquela hora. À medida que passava pelas pessoas, notava o mesmo olhar de Wylma, mas ainda mais intenso. Senhoras levavam as mãos à boca, numa pose de grito mudo, homens balançavam a cabeça, mães tapavam os olhos de seus filhos. Havia algo de errado comigo, e comecei a sentir um desgaste depois de apenas seis minutos de caminhada, que se propunha a durar dez vezes mais que isso. Parei num quiosque para comprar água de coco, e as quatro ou cinco pessoas que ali estavam imediatamente abriram caminho para mim. Definitivamente havia algo errado com aquelas pessoas.

Voltei para casa, tirei a roupa pouco suada, e fui ao banho. No espelho do banheiro, finalmente notei o que as pessoas

tanto olhavam em mim. No meu tórax, do lado esquerdo do esterno, havia um buraco. O buraco não atravessava o peito até as costas, num furo, mas tinha pelo menos uns dez ou doze centímetros de profundidade. Era possível notar que meu coração não estava mais ali.

II

Tentei com muito esforço me lembrar qual fora a última vez que olhara para o meu peito. Não conseguia recordar quando adquirira aquela ausência. No fim de semana anterior tinha ido à praia, tirado a camisa, e ninguém notara nada. Na outra sexta-feira havia me estendido no encontro pós-trabalho e bebido um pouco demais, e não lembrava como tinha voltado para casa. Eu poderia ter esquecido o coração no bar. Ou então ter sido roubado num momento de descuido. Aquilo estava estragando meu fim de semana. Procurei ver filmes, ler, me distrair e não pensar muito naquilo. O que não adiantou muito.

Na segunda-feira fui ao Dr. Osório, meu cardiologista. Quando sua secretária lhe mencionou a minha situação, ele, sempre muito ocupado, conseguiu abrir um horário na sua agenda logo cedo.

Nada, constatou depois de tentar auscultar meu coração com o estetoscópio.

- E agora? – perguntei eu. – O que faço?
- Tem sentido algo diferente ultimamente?
- Como assim?
- Tonturas, enjoos, dor de cabeça, taquic..., desculpe, algo fora do normal?

– Para falar a verdade não. Tenho me sentido um pouco cansado apenas.

– Na sua idade é normal.

– Mas então, é grave?

– Você parece bem em todos os aspectos, peso adequado, se alimenta bem, não fuma, não comete excessos. Mas veja bem, minha especialidade é o coração, e você não tem um, então, por mais que eu queira ajudar, realmente não há muito que eu possa fazer.

Tirei o dia de folga e fui para casa frustrado. Mais tranquilo por saber que a falta de coração não afetava minha saúde, mas inquieto com o mistério do seu sumiço. Decidi que era um caso de polícia. Alguém podia estar com o meu coração, fazendo uso indevido dele. Ou quem sabe ele estava jogado em uma vala na periferia da cidade? Dominado por esses pensamentos, adentrei a madrugada acordado e inquieto. Não conseguiria ter paz sem saber por onde andava meu coração.

III

Na delegacia de furtos e roubos, Delegado Martins me recebeu.

Sujeito desgastado, já nos seus cinquenta, calça jeans larga e puída, de bigode grosso e grisalho, como bem convém a um delegado. Achei que o nome Azambuja combinava mais com ele do que Martins: cada vez que eu lhe dirigia a palavra, parecia falar com a pessoa errada.

Ouviu meu breve relato com os grossos dedos entrecruzados, sem retirar o olhar do meu. Ao terminar, ele bateu

forte com o punho sobre a mesa. Senti vergonha, como se eu fosse uma criança que houvesse cometido uma travessura. Sem dizer nada, puxou um bloco de papel de cima da mesa e um lápis.

– Quando foi a última vez que o senhor o viu?

– Na verdade eu nunca o vi, mas só fui me dar conta de que tinha sido roubado esta semana.

Delegado Martins apertou o lápis contra o bloco, a ponto de quebrar a ponta. Me olhou novamente.

– O senhor está familiarizado com os conceitos de furto e roubo? Artigos 155 e 157?

– Não – falei. Eu sabia a diferença, mas números numa frase costumam sabotar meu raciocínio.

Ele soltou um suspiro que pareceu expelir o ar de três pulmões. Seguiu-se um silêncio em que aguardei a explicação para minha gafe, mas ela não veio. Enquanto ele apontava o lápis com um estilete, notei um vaso com uma samambaia num canto do escritório.

– O senhor tem uma foto dele?

– Não. Mas tenho um eletrocardiograma recente.

Ele quebrou a ponta do lápis no papel novamente. Fechou os olhos como se uma dor gradual o invadisse.

– Não me parece um caso de roubo, nem de furto – finalmente disse ele.

– Mas alguém o levou!

– Compreendemos o seu incômodo, mas vamos preferir tratar esse caso como desaparecimento. Nós não podemos descartar o advento de fuga voluntária. Já vimos ocorrer antes. Acontece sem aviso. Num dia está lá, no outro... O senhor tem suspeitos? Não temos suspeitos.

Fiquei confuso com seu uso da primeira pessoa do plural. Quem era “nós”? Eu e ele? Ele e sua equipe? Ou se referia a si próprio no plural? Ouvi gritos femininos ininteligíveis vindos da recepção. Seu olhar se desviou do meu.

– O senhor disse que já viu isso ocorrer antes. Ele foi encontrado, nessa ocasião?

Ele sorriu pela primeira vez, um riso falso, como se eu tivesse dito algo errado.

– Vou te passar o contato de alguém que pode te ajudar.

Do bolso interno da sua jaqueta de couro, puxou um cartão.

“Mãe Azambuja

Curo amarração, desfaço trabalhos e resolvo problemas do coração”.

– O senhor confia nela mesmo? – perguntei sem disfarçar a suspeição.

Depois de quebrar o lápis ao meio, Delegado Martins disse:

– É minha mãe.

IV

Ao pesquisar o endereço de Mãe Azambuja, num bairro distante, numa rua da qual jamais ouvira falar, logo me imaginei em uma vila pobre, num morro, tendo que atravessar vielas estreitas perto de arroios malcheirosos, passando por crianças armadas e tendo que dizer uma senha pré-combinada para poder penetrar no seu local de atendimento. E foi isso mesmo que aconteceu.

Mãe Azambuja tinha centenas de fundas rugas no rosto, mas seus olhos castanhos eram como tochas acesas no meio daquela sala pobrementemente iluminada.

Me recebeu em silêncio. Colocou cartas. Jogou búzios. Me pediu a palma da mão. Eu já esperava o momento da bola de cristal quando ela finalmente se dirigiu a mim.

– Você não tem coração – disse ela, séria.

Bom, não é preciso ser vidente pra saber disso, né? – pensei eu.

– Mas ele não está muito longe.

Tossiu por cerca de um minuto. Uma tosse profunda, catarrenta. E continuou:

– Está com alguém que você conhece. Guardado. Frio. Imóvel. Não vai durar muito. Precisa encontrá-lo.

Ela colocou as mãos de juntas grossas abertas sobre a mesa, fechou os olhos, franziu o cenho, num esforço de concentração bastante cênico. Falou:

– Alguém do passado. Letra M. Cabelos amarelos. Mais dedos do que precisa.

Tossiu de novo, agora mais forte, fechando os olhos. Tomou um gole de chá que sua assistente trouxe, segurando a xícara com as mãos e mantendo-a junto aos lábios por muito mais tempo do que me pareceu necessário. Quando a retirou, uma baba viscosa ligava seu lábio inferior à borda da xícara. Ela estava prestes a falar de novo alguma coisa, mas a tosse recomeçou e não parou mais até eu me retirar.

Só podia estar falando de Marcela, a única loira que namorara. Falsa loira, no caso. E polidáctila.

Dera o fora em Marcela havia quatro anos, num jantar de Dia dos Namorados. Nunca mais nos faláramos. Ela morava com a irmã, que eu encontrava de vez em quando em bares, e com quem me dava bem. Fui ao apartamento delas sem avisar. Sua irmã abriu a porta e disfarçou bem a surpresa, logo me convidando para entrar e se desculpendo pela bagunça, da

qual não encontrei nenhum sinal. Os livros, as almofadas e os bibelôs de viagens europeias estavam onde sempre estiveram. Ela me disse que ia ao cinema com a namorada, e foi tomar banho. Abri a geladeira e vasculhei. Latas de cerveja barata, muitos legumes e coisas verdes (eram vegetarianas), iogurtes (eram mulheres), uma vasilha grande com algum creme amarelo-amarronzado, que eu não ousaria comer, um vinho branco pela metade. No congelador havia uma caixa de isopor lacrada. Rompi a fita adesiva e vi um coração humano. Só poderia ser o meu. Coloquei a caixa na minha mochila e disse a ela, pela porta do banheiro, que precisava ir, não queria atrapalhar. Ela gritou algo que eu não entendi, e eu concordei. Corri do apartamento de volta para casa.

V

Meu coração – era o meu mesmo – precisou de pouco tempo para se readaptar. Sessenta e oito batimentos por minuto, acho que era normal, apesar de nunca ter medido antes. Aliviado e orgulhoso, saí pra rua naquele domingo de sol e frio, exibindo minha nova condição. Fui para um parque movimentado, mas, para minha decepção, ninguém pareceu notar a mudança. No trabalho, a mesma coisa, todos parecendo ignorar a novidade, a não ser meu chefe que, quase no final da tarde, me deu, de longe, uma piscadela que interpretei como aprovação.

Depois disso, minha vida amorosa também começou a fluir. Em uma semana, já tinha três novos telefones de garotas na agenda. Saí com as três, e uma delas me pareceu mais promissora, pois ria das minhas piadas. Além disso, foi a única com

a qual consegui fazer sexo na primeira noite. Já estamos juntos há seis meses. Ela é bonita, uma companhia agradável e se preocupa comigo. Mas relacionamentos verdadeiramente maduros implicam tolerância e capacidade de adaptação, por isso aprendi também a conviver com os defeitos dela, como o ronco, o gosto por seriados de TV e até mesmo aquele que mais chama a atenção das pessoas quando saímos, o buraco no crânio revelando a ausência do seu lobo frontal.

Transmissão interrompida

Pendurado na torre de TV, Alceu ouve os gritos de “Pula!” vindo lá de baixo, onde um crescente grupo de pessoas vestidas de verde e amarelo se aglomera em expectativa. Chegam carros de polícia, uma ambulância e um furgão de canal de TV. Centenas de celulares apontam para ele. Consegue distinguir Paula entre a pequena multidão. Ela fala com um policial, gesticulando bastante. Alceu não consegue pensar direito. Paula olha para cima, e, do alto, ele não consegue distinguir se sua expressão é de choro e desespero ou se comprime os olhos por causa da luz do sol. Ele prefere que ela esteja chorando em desespero, quer que ela se arrependa. Se ela disser que se arrepende, e que eu sou o homem da vida dela, eu desço, pensa ele. Pega o celular e tenta ligar para ela. Precisa ouvi-la dizer, entre soluços de choro e numa voz desesperada, que se arrepende e que ele é o homem da vida dela. Sem sinal. Ouve o som intermitente de vuvuzelas. O policial que falava com Paula pega um megafone e tenta dizer algo. Em seguida, faz um sinal para que a plateia silencie. Chama-o pelo nome, alerta para o transtorno que ele está causando, pois tiveram de desligar a transmissão da TV, e diz que, se ele descer agora, não vai intimá-lo por perturbação da ordem pública, que todo mundo ali entende sua situação, mas que é preciso pensar nos outros também, não pode ser egoísta assim, afinal ele é patriota ou não é? Alceu mal escuta o policial, novamente pega o celular de dentro da jaqueta. O policial do megafone ordena que ele não se mova e que largue a arma imediatamente. Dessa vez está chamando, mas Paula parece não escutar. Ele empunha o celular e aponta para ela repetidas vezes. O policial dispara dois tiros. Alceu cai

em cima da ambulância. A multidão se dispersa rápido e vai para suas casas assistir à semifinal entre Brasil e Alemanha. O policial ainda dá entrevista para uma rádio, via celular, dizendo que felizmente conseguiu impedir que o meliante concluísse seu plano e atentasse contra a vida.

Helen

Mais uma vez naquele mês, os olhos vermelhos de Helen fitavam a página em branco. Quem a espreitasse naquela estreita cama de beliche, sob a fraca luz de cabeceira, com o cenho franzido, apertando forte a caneta entre os dedos, poderia bem supor que ela estava prestes a assinar uma sentença de morte sobre a qual ainda pairavam dúvidas, tal era a tensão que emanava do seu corpo. Um mero observador também não poderia adivinhar os fatos acontecidos na vida de Helen nos meses anteriores, e inocentemente ignoraria os eventos que a levaram para esse pequeno e malcheiroso quarto de navio.

Havia sete meses, Helen ainda cursava o último semestre de Jornalismo, curso pelo qual havia perdido o interesse profissional há muito, mas que lhe proporcionava conhecer gente interessante e passar a maior parte do dia fora de casa. Também havia recém passado no vestibular para Letras, outro curso para o qual não guardava perspectivas sérias, mas, aos 21 anos e sem contas para pagar, podia se dar ao luxo de diletantismos juvenis. Um deles era o cinema. Assistia a filmes pelo menos três vezes por semana. Tinha preferência por dramas europeus, filmes cult e alternativos, mas logo essas possibilidades se esgotavam e partia sem pudores para filmes americanos, documentários políticos, suspenses, comédias românticas despreziosas, musicais, animações e até adaptações de quadrinhos. E foi durante uma sessão quase vazia de *A Felicidade Não se Compra* que ela teve um insight: iria escrever um livro.

A certeza da decisão lhe veio súbita e inexorável como um tornado avançando sobre uma praia do Caribe. Tanto que saiu

da sala antes do término do filme, tropeçando no escuro, tamanha era sua inquietude. A caminho de casa, passou numa papelaria e comprou um caderno de duzentas páginas de capa bordô e um par de canetas pretas de ponta macia. Em casa, fechou-se no quarto a escrever, ignorando a informação da mãe de que o jantar em breve estaria frio.

Por vinte e sete dias escreveu todos os dias. Um caderno não bastou, comprou outro idêntico. Desde que começara a escrever o livro, relegou outras atividades, como os trabalhos acadêmicos, os cuidados com o corpo e o namorado, que não admitia ser deixado de lado por causa de projeto tão, segundo ele, efêmero. Quase não conseguiu se formar; deu um tempo com o namorado; e, nas palavras da mãe, parecia uma mendiga, tal o desleixo com a estética pessoal. Mal se alimentava, e seus ossos da face ficavam mais salientes. Se homem fosse, certamente estaria com a barba crescida. Nesse período, as palavras vinham num jorro. Escrevia com urgência, para que a mão alcançasse o pensamento e não perdesse nada, como se precisasse conter um transbordamento. Não relia, revisava ou reescrevia coisa alguma, ia sempre para frente. Ao final de uma manhã de sábado, ao fechar o caderno, sentiu-se extenuada e aérea, como um corredor solitário após cruzar a linha de chegada de uma ultramaratona. Sua expressão mudara tanto que a mãe, ao vê-la à mesa da cozinha em frente a um prato cheio, respirou aliviada:

– Não acredito, terminou o livro!

Helen enviou o volume primeiramente para três editoras, já esperando respostas negativas com as quais iria forrar a parede do quarto, como forma de motivação. Por isso teve um misto de surpresa e decepção quando a primeira editora

já manifestou interesse. O livro tratava de uma menina pobre e órfã que se entregava a devaneios diários, misturando realidade e ficção, com um final surpreendente. O tema não era novidade alguma, mas algo na sua maneira franca e agri-doce de descrever a personagem e suas fantasias evocou reações positivas em milhares de leitores jovens e adultos. *Águas passadas* venceu todos os concursos e competições literárias onde fora inscrito. Helen P., como assinava, ganhou o Prêmio Revelação em jornais e revistas. Não foi unanimidade, mas mesmo as críticas negativas tinham algo de bom a dizer, como “(...) apesar dos sobrepessos típicos da juventude, deslinda movimentos sólidos rumo à maturidade literária”. Durante semanas, foi presença certa em debates, entrevistas e, para sua surpresa, até em um programa de culinária. Fotogênica, sorridente e de voz agradável, Helen combinava com a câmera. Alguém mais cínico diria que a sua foto na contracapa seria responsável pela maior parte das vendas. O livro se esgotava rapidamente, e novas edições foram impressas. Ela era reconhecida nas ruas (ou pelo menos dentro de livrarias), e tinha paciência para dar autógrafos e posar para fotos. Não demorou para que assinasse o contrato do seu segundo livro com uma grande editora.

Com as vendas de *Águas Passadas* e o adiantamento que recebeu para o segundo livro, mudou-se, com seu gato Bóris, para um apartamento de um quarto no Centro. A editora lhe deu um prazo de quatro meses para apresentar o manuscrito do segundo livro. Agora acordava com cheiro de pão novo, morava perto dos cinemas alternativos, via o pôr do sol da janela do quarto. Substituiu sua frágil mesinha de laca branca por uma respeitável escrivaninha de mogno maciça que encontrou

em um brechó. Passados dois meses do lançamento do livro, as solicitações de entrevistas e participações em debates diminuíram, e seu único compromisso semanal era uma participação em um programa de rádio, fazendo comentários sobre cinema. Era hora, enfim, de criar o novo livro.

Não mudaria seu método. Comprou novos cadernos e canetas e sentou-se à escrivaninha. No primeiro dia, não saiu nada. Nem no segundo. Ao final de uma semana, a única coisa sobre o papel eram desenhos de formas geométricas simples e rabiscos aleatórios. Ficou intrigada. Poderia optar por uma saída medíocre e escrever justamente sobre seu bloqueio, colocando um autor na mesma situação, mas não sabia como desenvolver o enredo. Além disso, teria vergonha de recorrer a um artifício tão gasto, o velho truque banal da metaficção ao qual muitos escritores admitiam recorrer nos momentos de desespero. Recebeu um e-mail do seu editor, alertando para o prazo de entrega e pedindo que enviasse uma sinopse. Ela não respondeu. Voltou para a mesa e tentou escrever novamente, sem sucesso. Lutou por mais uma semana até que ele ligou cobrando material. Helen disse que só precisava revisar e que assim que tivesse algo ela mandaria. O editor pediu que lhe enviasse “o que tiver, sem revisão mesmo, só para acompanhar o andamento do trabalho”. Ela pediu mais uma semana.

Não conseguia entender o que estava acontecendo, nada a inspirava, nada a motivava. O primeiro livro havia se concretizado num ímpeto, num fluxo que, após iniciado, só parara depois de empregadas todas as palavras, como uma nascente que estancara. Era isso, sua fonte secara? Não havia mais nada dentro de si para colocar no papel? Não era uma escritora de

verdade, afinal? *Águas Passadas* teria sido um simples acidente? Resolveu seguir os passos do seu primeiro livro. Assistiu novamente *A Felicidade Não se Compra*, dessa vez até o final, pois não houve qualquer interrupção criativa durante o filme. Assistiu mais de vinte filmes de Frank Capra, e nada. Apesar da crise, não estava deprimida nem triste, continuava estudando, saindo com amigos, tendo prazer com as coisas que lhe davam prazer. Porém, à medida que o prazo se esgotava, o bloqueio assumia maior dimensão, como a sombra de uma montanha que se alonga ao final do dia. Precisava de uma solução.

Só se abriu com sua melhor amiga, Lina, e mesmo assim revelou apenas que estava tendo “problemas no desenvolvimento do romance”, sem revelar que não escrevera uma palavra sequer até então. “Já sei quem pode te ajudar”, disse Lina. No mesmo dia, a amiga a levou para conhecer Dona Maria, uma velha vidente leitora de mãos. Apesar de não acreditar nesse tipo de coisa, Helen foi sem resistência, afinal, para um escritor, qualquer vivência pode ser útil.

Silente, mal se sentou em frente à Dona Maria, ouviu:

– Minha filha, você está amarrada. Precisa mudar de ares. Sair da cidade. Uma viagem.

– Estou sem grana – disse Helen. – Com o que eu tenho, iria no máximo até alguma praia. Eu queria era sumir...

– Entre hoje e amanhã, vão te oferecer uma viagem. Fique atenta. É a única chance – disse Dona Maria com voz grave.

Helen esforçou-se para segurar um sorriso de deboche na frente da dramática mulher.

Quando chegou em casa, abriu seu e-mail, mas não havia nada referente a ofertas de viagem. Resignada, pesquisou a programação de cinema. Na lateral da página, pipocou um

anúncio: “Trabalhe viajando”. Clicou. Era a página da Royal Mediterranean, empresa de cruzeiros que estava contratando jovens fluentes em inglês, para trabalhar em um navio. Pareceu a oportunidade perfeita. Marcou uma entrevista, fez um curso de preparação, e embarcou faltando apenas uma semana para o prazo da entrega do novo livro.

Depois de um mês a bordo, ainda não tivera chance de desembarcar. O trabalho era de doze horas por dia, sete dias por semana, com duas folgas mensais. Quando voltava para sua cabine, que dividia com mais sete pessoas, a exaustão não lhe permitia senão dormir. Os olhos vermelhos lhe ardiavam, mas nesta noite estava decidida a escrever a todo o custo, nem que tivesse que se valer do recurso manjado de escrever sobre seu próprio bloqueio.

O ilusionista e a lebre

Caminho à noite sozinho. Vou ver o ilusionista.

A noite é fria e dura. Quase ninguém na rua. Só tendo um bom propósito para sair de casa hoje. Passo por becos escuros, casas velhas. Um gato come restos não recolhidos de lixo. Quando passo ao seu lado, me olha, mas não se assusta, como se ignorasse propositalmente minha presença. De um dos becos, ouço vozes. Vozes que cessam assim que percebidas. Noto que temo. Ouço passos que não sei de onde vêm. Espero pelo pior na próxima esquina: dois homens fumam em silêncio. Temo, mas não mudo a rota. E me ignoram, como o gato. Fico aliviado. Olho o relógio. Quero chegar logo. Quero um lugar seguro. Me assusto com meu medo.

Entro em outra rua. Há uma mulher. Pequena, de preto, passos curtos e rápidos. Só a vejo de costas. Sob a vaga escuridão dos postes, é apenas um volume na calçada. Está uns vinte passos à minha frente. Sinto que também teme. Teme mais. Logo me sinto melhor ao ter com quem dividir o meu medo. Mas ela teme a quem? A mim? Me conforta essa ideia. Ser temido. Coloco o capuz, que esconde meu rosto e minhas intenções. Se fossem más, ela seria um bom alvo. Um alvo fácil, uma presa fácil. Isso, uma presa. Uma lebre. E eu o predador. Não temo mais. Ninguém se atreveria a cruzar o meu caminho. A sigo em silêncio. A lebre dobra em uma esquina e desaparece. Sozinho de novo, caminho a passos longos, sem pressa; me desencolho, sem frio. Da janela do quarto andar de um prédio cinza, a silhueta de uma velha gorda que me observa. Ela sabe que sou o predador. Tem que saber. Ninguém me ignora mais.

Chego na arena. Não estou mais só. O ilusionista me olha com seus olhos muito azuis e roupas velhas, e diz que não enxergamos a milésima parte do que existe, antes de sumir atrás de um espelho.

A melhor forma de morrer

Em outubro de 2005, um aposentado que subia a trilha Grouse Mountain, em North Vancouver, no Canadá, encontrou um pequeno caderno de capa vermelha, escrito em português, e me contratou para traduzi-lo para o inglês.

Os excertos abaixo foram extraídos ipsis literis desse diário.

Miami, Florida. 2001

19 de julho

Fazer 40 anos é pior do que eu pensava. Até me fez ressuscitar o hábito de escrever num diário, que eu cultivava na minha juventude. Juventude. A questão é: preciso dele para admitir aqui o que não confesso para mais ninguém. E não é para isso que serve um diário? Para abrigar nossos segredos, as reflexões mais íntimas? A verdade é que eu nunca vi um homem adulto escrever um diário. Nem uma mulher adulta, para ser sincero. Então diário é coisa de meninas? Ou será que todo mundo esconde isso, temendo a opinião alheia?

20 de julho

A última vez que tive um diário acho que foi lá pelos 23, ainda no Brasil, quando namorava Carla. Um dia ela foi ao meu apartamento preparar uma janta, enquanto eu trabalhava. Quando cheguei, estranhei que não havia cheiro de temperos nem panelas no fogo. A garrafa de Concha y Toro estava vazia em cima da mesa. Quando entrei no quarto, ela lia um, dentre as dezenas de cadernos que eu guardava na estante. Gelei, tentando rememorar tudo de comprometedor

que havia escrito nele. Teria lido a página em que eu descrevia a sua mãe como “pedaço de mau caminho”? Já teria chegado na parte em que contava em minúcias o sonho erótico que eu tivera com uma das suas colegas do ballet? Nunca soube, pois naquela noite, entre gritos e lágrimas, ela não fez menção a qualquer uma dessas coisas. Os trechos do diário que despertaram sua ira foram aqueles em que eu fantasiava ir para os Estados Unidos e deixar tudo para trás, faculdade, emprego, família, namorada. Depois daquela noite, ela me deixou. E eu nunca mais escrevi diários (e queimei todos os que encontrei pela casa). E o que não passava de fantasia, um mero desejo juvenil de fuga, se tornou realidade: vim para os EUA tentar a sorte. O que aconteceu nos 17 anos seguintes dá pra resumir em uma ou duas linhas: consegui um emprego numa empresa de outro brasileiro me apaixonei casei tive uma filha minha mulher me traiu com meu chefe comecei a beber bati o carro minha filha morreu tudo minha culpa.

26 de julho

E não é que já se passou uma semana escrevendo neste maldito caderno e ainda não tive coragem de dizer a que vim? Me pergunto: para quem escrevo isso, afinal de contas? Certamente não é para que alguém leia. Ok. Vamos lá. O que está decidido, decidido está. Fico enchendo as linhas com palavras e frases sem sentido, apenas adiando o que devo dizer, o motivo pelo qual comecei a escrever. Não é o fato de dizer que vai mudar o que decidi. E foi isso que decidi: quero morrer.

Pouco objetivo ainda. O que quis dizer é que quero me matar. Que vou me matar. Em breve. Isso.

2 de agosto

E não é que me confessar aqui deixou tudo mais fácil, mais leve? A admissão me tirou um peso. E também tornou meus planos mais concretos. Já penso no “como”. Caso contrário, como eu próprio levaria minha decisão a sério? So, how am I gonna do it?

Decisão de autoeliminação tomada, vamos à segunda etapa: os métodos. Enforcamento, tiro, overdose, trilhos do trem, pular de ponte, de um lugar alto... Já pensei em todos, nos prós e contras de cada um.

Nas pesquisas que fiz na internet, alguns desses métodos me pareceram pouco eficazes, ou mesmo perigosos. O perigo, no caso, é a possibilidade de o método falhar e eu não atingir o meu objetivo. Enforcamento, por exemplo. Olhei por toda a minha casa e não encontrei sequer uma viga onde pudesse amarrar a corda. Também nunca fui muito bom com nós. E que tipo de corda seria melhor, uma fina ou uma mais grossa? Confesso que o que mais temo no enforcamento é a probabilidade de sofrimento. Alguns dizem que a morte é rápida, praticamente indolor, que se dá pela quebra do pescoço. Outros garantem que é por asfixia, e que pode durar vários minutos, que, a certa altura, o enforcado perde o controle dos esfíncteres, baba, espuma pela boca. Não, isso não é pra mim. Vamos para outro. Sempre fui a favor do gun control, mas abriria uma exceção nesse caso? Overdose. Pra começar, nem saberia onde conseguir drogas. Cocaína bastaria? Ou melhor heroína? Vai que eu gosto e desisto no meio do processo... Poderiam ser remédios, mas não tenho conhecimento farmacológico suficiente para saber a dose ideal, pode dar errado. Trilhos do trem. Já aconteceu antes há alguns anos, e sei que atrapalha demais a vida de

peessoas que nada têm a ver com o assunto, além do quê, todos acham que quem escolhe esse método é um filho da puta egoísta. Me resta pular de edifício alto ou ponte. Como se morre quando se pula de uma ponte? É afogado ou pelo impacto? Ou o sujeito desmaia pelo impacto e depois acaba se afogando? De todo modo, tinha que ser uma ponte bem alta, e aqui em Miami não tem uma ponte decente, talvez a Dodge Port, mas não é muito alta, e eu sei nadar; então, por instinto, não me deixaria afundar. Não me vejo nessa posição de ficar me debatendo pela morte, me submetendo ao sofrimento físico para sair dessa vida. Não pretendo sofrer, só quero não existir mais, quero algo instantâneo: num momento estar aqui, no outro não estar mais. *Simple as that*. A verdade é que, embora esse plano envolva morte, não tenho qualquer atração por ela. A questão é que a opção pela morte voluntária é, talvez, a decisão mais sensata no momento.

12 de agosto

Os dias passam e não fiz nada de prático para alcançar meu objetivo. Bebo todo dia, de manhã à noite, apago, acordo, bebo mais, apago e sigo assim, tudo para não pensar. Pensar dói.

18 de agosto

Não quero morrer em Miami. Brasileiros demais. Há dias em que só falo português. Ou espanhol. Dezessete anos aqui e às vezes é como se nunca tivesse saído do Brasil. Pensando em edifícios altos e pontes, só consigo pensar em New York. Brooklyn Bridge, Empire State Building. Pode ser clichê, mas é o que mais me atrai.

21 de agosto

...

25 de agosto

Ana veio aqui hoje. Queria pegar suas coisas. Trouxe uma garrafa de Jim Beam. Chorou muito. Choramos juntos. Depois disse que queria voltar, que podíamos recomeçar. Eu disse que não, que eu estava indo pra Nova York semana que vem, ela perguntou que porra eu iria fazer em Nova York, eu disse que não era da conta dela. Ela falou que poderíamos ir juntos, esquecer tudo, eu falei que não tinha mais volta, ela havia enterrado tudo que tínhamos. Ela replicou gritando que quem enterrou tudo o que tínhamos fui eu, ao capotar o carro. Nesse momento, tive vontade de dar um soco na cara dela, e até levantei minha mão. Ela gritou: Bate, bate se você é homem! Um vizinho bateu na porta gritando que ia chamar a polícia. Ela foi embora. E eu fiquei com a garrafa de Jim Beam.

29 de agosto

Troquei o carro por uma moto, o que deu uma boa grana de diferença para a minha viagem de morte. São dois mil quilômetros até Nova York, indo pela Interstate 95. Acho que dá pra fazer em três ou quatro dias, parando em motéis na estrada. Hoje era pra ter sido o aniversário de 6 anos dela.

5 de setembro

Tempo bom na estrada. Tenho pressa. Tenho que cuidar para não ultrapassar o limite de 65 milhas por hora. Ser parado por um policial não seria bom para os meus planos agora. Paro num diner na beira da estrada para recarregar

as energias, não pilotava moto há anos, e cansa demais. Tomo meu café no balcão. Na tevê falam de um tiroteio em uma escola. Um caminhoneiro de bigode grosso pede para trocar de canal: “Não quero ver notícia ruim”. Lembro que faz muito tempo que não vejo notícias do Brasil, e na verdade nem procuro saber. A garçonete muda o canal, mas todos estão passando a mesma coisa, sempre estampando a cara do assassino adolescente. O caminhoneiro se levanta, vai até a jukebox e coloca Willie Nelson cantando com Julio Iglesias. Enquanto ele escuta a música pensativo, olhando pela janela, termino o café e pago a conta. A minha e a do caminhoneiro.

8 de setembro

Hoje subi até o topo do Empire State, o favorito de King Kong. Depois de um bom tempo esperando em uma fila de turistas animados, cheguei lá só para descobrir que o acesso à mureta é bloqueado por cabos de aço à prova de suicidas. Não fui muito original mesmo.

10 de setembro

Nos últimos dias já andei por toda Manhattan, SoHo, Tribeca, em busca de um lugar para morrer. Um lugar digno. Nenhum parece bom.

12 de setembro

Não dormi. Se tivesse dormido, poderia acordar e pensar que tudo não passou de um pesadelo.

Ainda não consegui processar o dia de ontem. Caos não é o bastante.

Os prédios que vi anteontem não existem mais.

Pessoas que eu vi anteontem não existem mais.

Mesmo as que ainda vivem não são mais as mesmas. Não poderiam ser. O olhar delas não é de medo ou pavor, mas de assombro e incompreensão.

Uma grande área foi isolada, há muita sujeira, sirenes permanentes. Todos têm pressa, mas o tempo parou. Quando vi a segunda torre desmoronar, cheguei a pensar que fosse o começo do fim de tudo, um colapso universal, a primeira peça de um dominó, que leva todas as outras.

13 de setembro

Fui para um quarto em Queens, longe do barulho e da poeira, mas o aftershock permanece no ar. A polícia ainda lista os nomes de quem estava nos prédios. Sem corpos, por enquanto os mortos são chamados apenas de desaparecidos, o que dá falsa esperança.

16 de setembro

Fui até a polícia para dar o nome completo e a descrição de mais um desaparecido, um amigo que me deu carona de moto desde Miami. Segundo os detalhes que dei, a última vez que vi esse amigo foi na manhã do dia 11, em frente ao WTC. Quando o policial anotou meu nome completo e o colocou na lista de “Missing Victims”, quase senti meu corpo flutuar, como se fosse liberto de uma amarra. E foi assim que encontrei a melhor forma de morrer.

Sete anos e oito meses

Miguel passou pelo portão com uma sacola numa mão e uma caderneta na outra. Na sacola, roupas com cheiro de naptalina, um exemplar surrado de *A Brincadeira*, de Milan Kundera, um isqueiro que não acendia mais, o que não importava, pois deixara de fumar, eram os poucos pertences que tinha consigo quando entrara naquele inferno, havia sete anos e oito meses. Na caderneta, contatos de antigos amigos e de pessoas a quem poderia recorrer em caso de necessidade, além de uma lista de parentes de colegas que prometera auxiliar. Tudo isso poderia esperar, pois no livreto havia um nome mais importante do que todos os outros: Amanda. Há 13 meses já não recebia mais cartas dela, sem qualquer explicação para aquele inesperado silêncio. Não parara de escrever nunca, mas as suas cartas voltavam com um carimbo de “MUDOU-SE”. Amanda não lhe prometera apenas fidelidade, mas amor. E foi a adesão desmedida a essa promessa que o ajudou a subsistir aos dois primeiros e piores anos.

Passados seis meses no cárcere, aprendeu a não esperar muito dos amigos que, um a um, paravam de visitá-lo ou de responder suas mensagens. Logo que percebeu o afastamento, sentiu-se envergonhado, como se suas tentativas de contato fossem algo reprovável, como se quisesse impor indevidamente sua presença a quem não merecia ter sua vida maculada por um pária. Depois, Miguel passou a ter raiva de todos, e decidiu que quem não merecia se relacionar com fracalhões e hipócritas era ele mesmo. Mais tarde, veio a resignação. Finalmente

compreendeu que, para os outros, era como se tivesse desembarcado em outra estação ou pior, era como se ele tivesse morrido um pouco, já não pertencia inteiramente àquele mundo. Por um único erro, já não fazia mais parte do universo de longas filas para o cinema, de ouvir conversas de rádio para espantar o tédio do engarrafamento, de esperar a sexta-feira chegar a semana inteira, de reclamar do barulho dos bem-te-vis na tipuana ao lado da janela do quarto, de juntar o cocô morno de Petraco da grama com uma sacola de supermercado. Por onde andaria seu cachorro? Amanda se comprometera a cuidar dele, até que, numa das últimas cartas, dissera que o cão havia fugido e, mesmo com a promessa de recompensa nos cartazes que espalhara pelo bairro, nunca mais o vira. Perguntou-se se ainda reconheceria o cão se o visse na rua, e esqueceu-se de se perguntar se o cão se lembraria dele.

Tinha uma lista mental de coisas a fazer. Primeiro, rever parentes de que não gostava, pedir grana, cartas de recomendação, oportunidades para recomeçar, uma via-crúcis de humilhações pessoais. Depois, pequenos autorregalos, como tomar uma cerveja gelada caminhando pelo parque; ver o pôr do sol na beira do rio. Não sabia ao certo a sequência que seguiria, mas sabia que, já sendo outro, não existia mais a possibilidade de voltar aos mesmos lugares. E quem era esse que voltava para Amanda? Livrou-se das roupas velhas, agradando o primeiro mendigo que encontrou pelo caminho.

Na prisão, depois da longa ausência de resposta da mulher, conseguira informação sobre o novo paradeiro de Amanda. Morava em outro bairro. Com outro homem. Enfrentara a dor sozinho, mas ainda tinha esperança. Afinal, ela fizera uma promessa.

Na frente do sobrado, do outro lado da pacata rua, viu uma Amanda gestante cruzar o pequeno gramado de mãos dadas com um homem de terno. Entraram em um carro preto de vidros escuros. Esperou um pouco e pulou com facilidade a grade de ferro sem cerca elétrica e se esgueirou pelo jardim. Circundou a casa, examinando as janelas, até que deu de cara com a porta da garagem encostada. Entrou em silêncio. Havia outro carro na garagem, além de um enorme cortador de grama elétrico, um freezer horizontal e várias ferramentas organizadas por tamanho presas na parede. Havia outra porta dentro da garagem, essa trancada. Pegou uma chave inglesa e quebrou o vidro, abrindo a porta por dentro. Entrou direto na cozinha. Um fogão de seis bocas, com um exaustor, panelas penduradas, um enorme balcão no meio do aposento. Ainda havia cheiro de temperos no ar, cominho, coentro, e também algo indiano, mais adocicado. Lembrou-se da comida dela, das noites regadas a vinho que começavam na cozinha e sempre terminavam no sofá-cama da sala da quitinete. Avançou pelos outros aposentos. Um piano de parede alemão com uma partitura aberta em uma peça que parecia difícil. Amanda não tinha esse talento, imaginou o sujeito tocando para ela, disfarçando o esforço, enquanto ela, da poltrona, admirava seus dedos ágeis. Em cima do piano, porta-retratos. Viagens pelo mundo, com o casal abraçado, em roupas de inverno com coloridos berrantes, em uma praia de areias brancas erguendo um copo com guarda-chuvinha, Amanda sorrindo com o indicador na ponta da Torre Eiffel. A julgar pelas fotos, envelhecera bem, sem perder nada do que tinha de belo. Olhou-se no espelho, os olhos fundos, a barba grisalha no queixo, o cabelo ficando ralo, achou que nada poderia contrastar mais com a vitalidade de Amanda. No sofá, percebeu um gato persa que o olhava com

sincero desdém. Em outra sala, acarpetada, o sonho de Amanda, uma biblioteca em três paredes, com um divã e um banquinho para alcançar os livros mais altos. Estavam organizados em ordem alfabética. Adams, Austen, Calvino, Christie... roçou os dedos pelos livros que sabia ser seus favoritos, como muitas vezes tocara sua pele desnuda. Abriu outra porta, um quarto azul, um berço com um móbile de peixes coloridos, roupas de bebê empilhadas em uma cômoda. Não iria dizer as palavras que tanto ensaiara. Pensou que nada do que dissesse poderia ser justo com ela, ele podia revoltar-se com o que o destino lhe reservara, mas entendia o seu silêncio, a promessa dela havia sido enterrada pela sua felicidade concreta.

Mais tarde naquela noite, Otávio Schiller acabava de explicar mais uma vez para o inspetor Munhoz quais objetos haviam sido levados pelos arrombadores.

– Trabalho de amador – disse Munhoz. – Nem encontraram o cofre, que está num lugar bastante óbvio, por sinal, devo lhes dizer. Só foram furtados dinheiro, joias e até alguns itens alimentícios. Mesmo assim, peço para que olhem de novo toda a casa.

Otávio se prontificou:

– Pode deixar que eu mesmo faço isso. Amanda ficou muito abalada, se fechou na biblioteca e não para de chorar.

No divã da biblioteca, Amanda segurava, ainda em lágrimas, um livro que encontrara fora de ordem quando averiguava o sumiço dos pertences. Um velho exemplar de Milan Kundera com uma dedicatória redigida de punho próprio:

“De quem te espera.

Amor,
da sua A.”

Não domingo

Domingo de sol no inverno. Vicente pensou ser um bom dia para sair de casa, depois de uma semana inteira traduzindo do alemão um artigo sobre a relação da estética de Heidegger com a poesia de Goethe. Sabia que sua versão em português seria citada aos pedaços, sem muito contexto, em monografias, dissertações, teses e artigos por universitários que mal sabiam do que estavam falando. Mas isso não o incomodava, pelo contrário, considerava-se um felizardo por ganhar a vida assim, sem precisar ter muito contato direto com clientes ou colegas de trabalho. Liberdade era o mais importante, pensava. Trabalhar sem banho, apenas vestindo cuecas, às vezes acompanhado de uma taça de vinho chileno barato, e avançar madrugada adentro, notívago e insone que era. Isso, claro, limitava sua já escassa vida social, “mas era melhor que ser empacotador de supermercado”, dizia-lhe sua voz interior valendo-se de uma dicotomia falaciosa e um tanto inexplicável.

Da janela do quarto, conseguia ver uma grande porção da parede lateral do prédio vizinho. Examinando as sombras projetadas nessa parede, entrevia as condições do tempo e podia mesmo supor a hora do dia. Naquele domingo, pôde ver que fazia sol e ainda era manhã.

Colocou sapatos confortáveis e começou o seu percurso usual: primeiro, uma volta na orla do rio; em seguida, caminhava pelo centro histórico em busca da fachada de alguma casa antiga que ainda não conhecesse; por fim, descia pela escadaria 19 de Julho apreciando sua arquitetura neoclássica e segurando a respiração para evitar os odores de dejetos humanos. Ao longo da orla, apenas os corredores e os cães

não estavam agasalhados com roupas de frio. O vento sobre a água ajudava a formar pequenas ondas sobre sua superfície vazia. Lembrou-se da efusividade daquelas águas durante o verão, quando, mesmo sob a ameaça proibitiva das placas da administração municipal, pessoas atiravam-se ao rio poluído, disputando espaço com barulhentos jet skis. Deixou-se então embalar por uma fantasia frequente: uma criança surgia em perigo no rio, pessoas em volta gritavam pedindo ajuda, uma mãe chorava. Ele não hesitava e se jogava na água de roupa (mas mesmo na excitação da fantasia tomava antes o cuidado de retirar os sapatos), nadava com braçadas longas e firmes e trazia a criança para a margem. “Não fiz mais que obrigação”, dizia modesto para uma plateia admirada. Na entrevista para a tevê, acrescentaria ainda “fiz o que qualquer pessoa com o mínimo senso de dever cívico faria”. O devaneio tinha variações, outras vezes a vítima não era uma criança, mas uma bela moça a quem, depois de trazer inconsciente para a margem, aplicava respiração boca a boca. Depois, claro, ela se apaixonava pelo seu salvador. Mal sabia nadar, mesmo assim torcia em silêncio para ouvir um agudo grito de socorro a qualquer momento.

Naquele domingo, o vento gelado vindo do rio castigava suas orelhas, então encurtou o passeio e foi direto para a caminhada pelas estreitas ruas do centro histórico. O mudo vazio dominical da região era sempre um conforto. Contemplava com olhar de turista os cuidados que algumas edificações do século XIX recebiam, com restaurações cuidadosas e cores chamativas que duvidava existirem à época da sua construção. Mas simpatizava mesmo era com as casas genuinamente velhas, que carregavam em si as marcas do desgaste, a pintura

descascada, a ferrugem, o musgo, os ramos de ervas daninhas crescendo por entre as rachaduras.

Quando desceu pela escadaria, ainda nem havia prendido a respiração quando ouviu um choro de criança. Lá embaixo, já perto da Praça Ricardo Boschi, uma menininha de vermelho esfregava os olhos com uma mão e segurava um dinossauro cor-de-rosa com a outra. Aproximou-se e perguntou onde estavam os seus pais. A criança olhou para ele e não se moveu, mas continuou a engasgar-se com o próprio choro. Perguntou seu nome, onde morava, e nada, só o pavor nos seus olhos. Quando finalmente sua respiração fora de ritmo permitiu, foi possível ouvir as sílabas que tentavam formar a palavra mamãe. Viu uma Kombi bege estacionar, com um casal dentro. Ele pegou a menina pela mão e perguntou “É de vocês? Ela chorou tanto que nem consegui dizer o nome.” A mulher veio correndo e pegou a criança no colo dizendo “Pronto, pronto, já tá tudo bem, minha princesinha”. O homem ficou dentro da Kombi apenas esperando a mulher entrar com a menina, que não parou um minuto de chorar.

Vicente sorriu, com orgulho de si. Lamentou não haver testemunhas para o seu feito. Não chegava a ser um afogamento, mas já seria algo para contar aos outros. Resolveu que ia alongar a sua caminhada, afinal não podia desperdiçar um dia em que tudo estava dando certo. Heidegger podia esperar. Subiu as escadas com o intuito de fazer o caminho inverso, agora passaria novamente pelos casarios e voltaria ao rio. Já no topo da escadaria, na Comendador Figueiras, viu uma movimentação estranha. Um casal corria desordenadamente, como bêbados com pressa, abordando pessoas pelo caminho, o homem de barba aos berros chamando “Amanda!”, estendendo a última

sílaba até perder a voz. Vicente ouviu a mulher gaguejar ao fazer a descrição para uma senhora, cabelo preto, vestidinho vermelho, e mais não escutou, pois voltou a descer as escadarias. Lá embaixo, encontrou o dinossauro e colocou-o numa lixeira, prometendo a si mesmo nunca mais sair de casa aos domingos.

Buenos Aires não tem fim

“A cidade explodiu em chamas e em gritos. A noite explodiu, derrubada dentro de si mesma. Escuridão e silêncio se precipitam dentro de si mesmos e jogam longe o seu avesso de fogo e de urros. A cidade se enrugando como uma folha ardente. Não há noite mais escura que uma noite de incêndios. Não existe homem mais sozinho do que aquele que corre numa multidão ensandecida.”

Italo Calvino

Néstor Vázquez corre sem parar, fugindo do enorme cão negro de olhos vermelhos que o persegue pelas ruas desertas de Buenos Aires. Aos trancos, segue pelo calçadão estreito da calle Florida, ouvindo os passos pesados do animal. Não sabe quantos quarteirões já dura aquela perseguição abaixo de chuva, até que avista os grandes letreiros luminosos dos teatros da Avenida Corrientes. Olha para trás e não vê o cão. Resolve se refugiar em uma estação de metrô. Entra na Callao, Linha B, descendo pelas escadas e perdendo-se pelos labirintos dos corredores cada vez mais escuros. Vai tateando pelas paredes de azulejos em busca de uma saída. Sente nas mãos uma grade de ferro, ao mesmo tempo que percebe a aproximação do cachorro. Ouve o barulho do trem, é a sua chance. Sacode a grade com toda sua força até que suas mãos sangrem, e a grade se abre. Já enxerga a luz do trem, e o bicho aparece na outra extremidade da estação, caminhando lentamente, parecendo aumentar de tamanho a cada passo, os olhos fixos em Néstor. O barulho do trem aumenta, e o animal segue inexorável o caminho até sua presa. Pensa em se atirar nos trilhos para escapar do seu perseguidor.

Sempre acordava antes que o animal o alcançasse. Entregaria de bom grado sua carne ao cão negro se tivesse a certeza de que tal sacrifício daria um fim à angústia onírica que se repetia havia meses.

À mesa, tomou em silêncio o café forte preparado pela mulher, nem pensou em lhe mencionar o sonho novamente. Olhou o relógio na parede, não iriam tolerar mais um atraso: Esses judeus não perdoam, pensou. Na sua idade, dá graças a Deus pelo emprego que tem. Saiu sem escovar os dentes e sem beijar a mulher, para não perder o ônibus 29 para a Embaixada de Israel, na calle Arroyo, onde trabalhava como zelador. Durante a viagem, esforçou-se para não adormecer e perder o ponto. Se distraía contando quantas colegiais de uniforme via no caminho. Desceu apressado, e na calçada esbarrou em um jovem de barba, que trazia um pacote nas mãos como se fosse um filho. A trombada quase lhe tirou o equilíbrio, mas o jovem nem olhou para trás, agarrado ao seu pacote. “Essa juventude...”, resmungou Néstor já se identificando na portaria.

Uma picape Ford F-100 cortou a frente do táxi. O motorista começou a abrir o vidro para gritar um xingamento, mas se seguiu ao se lembrar de quem ia no banco de trás. Alejandra pediu para descer uma esquina antes, e não na frente do colégio, pois lhe envergonhava o fato de ter um pai taxista. Desceu depois de se certificar que nenhuma conhecida passava pela calçada. Já estava a dez metros do carro quando ouviu:

— Ale! Teu almoço queria! — era o pai com uma sacolinha nas mãos. Ela voltou correndo e resmungou algo que o pai

aceitou como uma espécie de agradecimento. Naquela manhã, depois da maçante aula de matemática, Alejandra encontrou suas amigas no banheiro para fumar escondido um cigarro compartilhado. No intervalo daquela interminável manhã, propôs às amigas irem fumar na praça do outro lado da escola. “De jeito nenhum, se formos pegas seremos expulsas”, disse uma delas.

Ela não se importou e foi sozinha mesmo. Sentou-se à beira da fonte e acendeu o cigarro roubado da bolsa de sua mãe, protegendo-o com a mão em concha e em seguida soltando uma longa e aparentemente prazerosa baforada, como via fazerem as mulheres nos filmes. Fumar sozinha e em público era diferente, era um passo à frente das suas colegas receosas. Era o máximo de transgressão que se permitia, mas já planejava outras, para quando ficasse mais velha e menos presa. Com o cigarro entre os lábios, tirou um bloquinho e lápis da mochila para escrever um poema, mas as palavras não saíram. Deixou o sol lhe cobrir o rosto, deu mais uma tragada e sorriu com o canto da boca.

Abel Kreigsman não sabia o que mais poderia acontecer para que a sua manhã ficasse pior. Tal era a lista de pequenos infortúnios que já estava prestes a esquecer a irritação e rir de si mesmo. Logo que acordou, sentiu uma incômoda dor de dente. Foi telefonar ao dentista para marcar uma consulta, mas o aparelho estava mudo, teria que fazê-lo mais tarde, no trabalho. Depois, no caminho até a garagem, pisou em um cocô de cachorro, e teve que voltar para trocar de sapato. Ainda cedo, quando chegou à Embaixada para tratar do seu visto – pleiteava a cidadania argentina –, achou a única vaga livre para estacionar, parou à

frente dela e engatou a ré, quando uma caminhonete entrou rápido por trás e estacionou antes dele. Soube então que o atendimento só começaria dali a meia hora, e decidiu ir tomar um café com medialunas na Confeitaria Comelli, sua favorita. Chegando lá, descobriu que as medialunas estavam esgotadas, outra fornada só dali a uma hora. Não era possível, esgotadas tão cedo? Mal podia acreditar em tanto azar. Foi quando abriu o jornal e leu que o River Plate havia perdido para o Boca.

Tarek não dormira na noite passada. Sabia que precisava estar descansado, ter concentração total para a sua importante tarefa, mas a excitação era demais para que relaxasse. As mãos no volante da F-100 suavam, quase não conseguiu desviar a tempo de um táxi que vinha lento à sua frente. Chegando à esquina da Arroyo com a Suipacha, estremeceu ao notar que havia apenas uma vaga de estacionamento em frente à Embaixada, e um carro estava prestes a tomá-la. Não poderia vacilar, acelerou o que pôde e meteu a picape no espaço entre dois carros, antes que o outro motorista pudesse dar ré. Respirou fundo, aliviado por não terem criado caso. O ronco do estômago o lembrava de que, além de ter passado a noite em claro, também não comera nada nas últimas horas. Deixou o carro e saiu em busca de alimento. Diante do balcão, na indecisão de quantos croissants levaria, sua fome falou alto: “todos”. Foi uma bobagem, pensou, pois a última coisa que queria era chamar a atenção com um comportamento anormal. Seu desassossego não poderia vir à tona, o melhor era caminhar devagar, mas sem hesitação, mesclar-se ao balé desleixado dos passantes. Nesse momento, chocou-se com um senhor

que vinha não sabia de onde, e quase o derrubou. Num ato reflexo, segurou forte o pacote, esmagando parte de seu conteúdo.

Depois de tirar o farelo da camisa e do banco, Tarek olhou pelo vidro do carro. As pessoas continuavam indo e vindo pelas ruas, ignorando tudo o que não era elas, com pressa de chegar aonde nem queriam ir. À beira da fonte, uma menina de saia preta e meias brancas até os joelhos, com gestos que pareciam ensaiados, pisava vagarosamente uma bituca de cigarro que havia descartado. Depois de tirar os cabelos dos olhos, saiu andando serenamente. Tarek decidiu que era hora. Ale olhou para os dois lados antes de atravessar a rua.

Nesse dia, Néstor, Abel, Alejandra, Tarek e outras 26 pessoas respiraram Buenos Aires pela última vez.

Pessoas partidas

Ela para de falar, e passa a contar pela terceira vez as moedas, para facilitar o troco do pedágio. No rádio toca *Love will tear us apart*, e ele gira o botão para a esquerda, até alcançar um som meramente audível. Tem essa mania de, sempre que diminui a velocidade, baixa também o som da música. Depois que atinge a quinta marcha de novo, gira o botão para a direita. Aninha dorme profundamente no banco de trás.

A música continua, indiferente.

*When routine bites hard,
And ambitions are low,
And resentment rides high,
But emotions won't grow,
And we're changing our ways, taking different roads*

Carina fala mais alto que a música:

– Mas então, acho que não te entendi direito, com essa história de “dar um tempo da agência”.

– Não é só “dar um tempo”, na verdade. Quero fazer outras coisas.

– Que “outras coisas”, Ricardo? Tipo um curso, uma especialização?

– É. Quer dizer, não sei. Tô pensando em sair da agência mesmo, vender a minha parte.

– Sério?! Logo agora depois dessa supercampanha com a Fiat? Te fizeram alguma proposta, foi isso? A GNZ-Linck tá atrás de ti?

– Não, Carina, o que eu quero dizer é que... não é que não quero mais trabalhar na ADP, quero mudar de área, Publicidade não é pra mim.

– Não tô te entendendo, Ricardo. Tu tem dois Leão de Bronze na estante de casa! Tirou aquela agência do buraco, que agora tá no Top Five do Brasil. Tu nasceu pra isso, meu bem, é o que tu sempre quis.

– O que eu sempre quis... o que eu sempre quis mudou.

– Ricardo Lemmertz, por favor, tu já tá me assustando já com esse papo.

Ricardo liga o limpador de para-brisa na velocidade média e o desembaçador. Segura a direção com força, respira fundo.

– Eu fazia faculdade de Letras, lembra? Posso voltar...

– Letras, Ricardo? Vai querer ser professor, com salário de fome? Imagina se a gente teria ido a Nova Iorque, Miami, Paris se tu fosse professor, e tu a-do-ra viajar que eu sei.

– Ou quem sabe Assistência Social.

– Me diz que tu tá brincando.

– Nunca falei tão sério.

– Ricardo, se tu tá estressado, acho que tu precisa ver alguém, um profissional.

– Eu já vejo minha analista uma vez por semana.

– Eu digo alguém de verdade, alguém que possa te ajudar com remédio. O que o meu pai iria dizer disso tudo?

– O que o Doutor Belmonte iria dizer? Não sei...

– De onde saiu isso tudo, Ricardo?

– Eu quero ajudar de alguma forma, sabe, contribuir com algo, fazer coisas... palpáveis. E a gente tem tanta coisa... que a gente não precisa.

– Jesus, Ricardo, mas o que que deu em ti? Síndrome de Madre Teresa? Se tá culpado, doa uma grana pra uma instituição de caridade, não precisa afundar tua família junto nessa tua onda, pelamor... Se não se importa comigo, pensa pelo menos na tua

filha, poxa. Tu já tá muito grandinho pra esse tipo de coisa, e ainda é cedo demais pra ter uma crise de meia idade. Sério.

Ricardo liga o limpador na velocidade máxima, muda de pista e acelera para ultrapassar um caminhão carregado de porcos. Luzes vindo na direção contrária ofuscam seus olhos, cada vez mais forte, cegando-o. Ouve buzinas, pisca os olhos vermelhos. Não escuta mais uma palavra sequer de Carina. Não quer magoá-la, mas precisa que ela saiba a verdade, que ele não é mais quem costumava ser, que não sabe mais o que quer, só sabe que a vida que tem não se parece nada com o mundo real.

Carina também nada sabe sobre o comercial de refrigerante que Ricardo dirigiu duas semanas antes. Viajara bastante por conta das filmagens, que mostravam diferentes cenários com jovens se divertindo em cachoeiras, praias, estradas, câ-nions. A última das locações era uma favela, onde meninos jogavam bola no meio da rua. Num dos intervalos daquela tarde de verão, foi tomar um suco de laranja e aproveitou para caminhar pela área delimitada para as filmagens. Muitas crianças se aglomeravam do lado de fora da fita preta e amarela. Algumas gritavam pedindo um lugar no jogo de futebol de mentira. Notou uma garotinha e uma velha senhora que se curvavam, olhos fixos sobre um ponto no chão. Aproximou-se. Diante da dupla, havia uma vela acesa e um corpo coberto por jornais, apenas os pés descalços visíveis. Pelo tamanho, era um adolescente.

Engoliu em seco e perguntou:

– Vocês são parentes?

– Era meu irmão – a menina respondeu.

– Lamento... eu... – queria dizer alguma coisa que prestasse, mas nunca soube o que falar nesse tipo de ocasião.

– Se preocupa não, moço – disse a menina. – Ainda tenho mais três irmão.

Ele voltou a falar.

– Há quanto tempo está aí? Não veio ninguém buscar? Não apareceu nem ambulância, polícia, nada?

Foi a vez de a velha falar:

– Aqui não sobe nada disso, não. Tamo esperando meu sobrinho vim aqui pegar de carro, mas isso só depois de vocês acabarem aí.

– Por quê?

– As rua tão tudo bloqueada presse circo de vocês. Quando terminarem, meu sobrinho busca o corpo do meu neto. Mas não tem pressa, não – disse a velha num esgar.

Ouviu a voz de sua assistente, que anunciava a todos o fim do intervalo. Ricardo saiu de cena em silêncio, apenas pensando em terminar aqueles takes o mais rápido possível e sair daquele lugar. Mas nada parecia dar certo, um ator errava, uma luz queimava, um trilho emperrava, e o trabalho se estendeu até o fim do dia, horas além do previsto. Não olhou mais para o lado do corpo, mas sabia que ainda estava ali, apenas esperando que ele dissesse o “Corta!” final.

Ouve sirenes de ambulância, cada vez mais próximas, mas o retrovisor está escuro. Os punhos se fecham, as mãos dormentes. Um líquido morno desce pela sua testa e umedece os olhos, embaralhando a visão. Uma dor aguda pulsa no peito. Quer olhar para Carina, mas não consegue. Tenta chamar seu nome no escuro, e o ar lhe falta. Não encontra o retrovisor para ver seu rosto. O som das sirenes é ensurdecido, e o silêncio duro de Carina continua a lhe doer. Escuta motores, vozerio agitado, luzes que piscam, mãos perto do seu rosto. A muito

custo, vira o dolorido pescoço para o lado e vê Aninha, de olhos fechados. Vê um sinal preto que nunca havia notado no nariz da criança. O sinal se mexe. É uma formiga. Ela explora a área sem pressa. Ele tenta tirar a formiga do nariz de sua filha, mas suas mãos presas não obedecem, por mais que se esforce. A formiga para na entrada escura da narina, como se ponderasse diante do desconhecido. Ele tenta avisar alguém, e o grito não sai. A formiga entra e desaparece. O rádio está desligado. A música se foi.

Sempre aqui comigo

Caminho pela Cidade Baixa às quatro da manhã. Sigo a linha reta das divisórias da calçada, evitando exibir o passo trôpego. Um bêbado sozinho a essa hora sempre é um convite.

Passo por grupos de adolescentes, casais de treze anos que se beijam, meninas que se parecem com meninos. Meninos que se parecem com meninas que querem se parecer com meninos. Uma garrafa se estilhaça no chão, o cheiro de álcool sobe, um punk gargalha. O uruguaio dos incensos cada vez mais magro no seu abrigo Adidas.

Não lembro em que bar estive antes ou com quem. Colegas do tempo do colégio? Da faculdade? Gente do trabalho? Ou quem sabe uma moça... Mas, que moça? Bem que podia ser Verônica. Mas Verônica já casou e teve filho. Casou com Alberto, bonito casamento. Mas não pode ser, que Alberto já casou com outra que não foi Verônica.

Um ombro esquerdo bate no meu ombro esquerdo, me desequilibro e seguro na parede. Na outra esquina, do lado do cachorro-quente, um velho cambaleia sem sair do lugar. Curva as pernas lento, até se ajoelhar. É meu pai. Atravesso a rua sem olhar para os lados, o que não devia fazer nunca. Seguro meu pai, tento erguê-lo, mas o coroa, sem vontade, pesa mais. Uso minha perna como escora para seu corpo, e puxo seu braço num movimento forte, até que se apoie sobre meus ombros. Sinto cheiro do fumo de cachimbo. Caminhamos até o ponto de táxi.

— Pai, te apruma, imagina a cara da mãe quando te vir assim... Ele se esforça num resmungo de sílabas pastosas:

- É cara de puta que ela vai fazer, que a tua mãe é uma puta!
- Não fala assim da mãe, pai, que ela não vai gostar nadinha...
- E tu para de me chamar de pai, que não é meu filho!

– Segue, por favor, pra Tristeza, na Mario Totta – eu instruo o motorista, que responde com um aceno de cabeça. Eu sento na frente, e meu pai atrás, assim ele pode ir deitado se quiser.

– Calma, pai, que a gente já vai chegar.

– Só aviso que se alguém vomitar no carro é o que der no taxímetro e mais cinquenta – diz o taxista.

– Pode deixar que não vai acontecer nada – eu digo.

– Só tô deixando avisado, que outro dia entrou um aqui que porqueou todo o banco, um inferno esses bêbado da Cidade Baixa...

– Pois saiba o senhor que o meu pai não é um “bêbado da Cidade Baixa”.

– Bom, só tô avisando... Qual é a altura da Mario Totta?

– É quase esquina com a Wenceslau.

Meu pai resmungava de novo lá atrás, já não entendo direito, mas parece que ele falou que mora na Floresta.

Detesto quando meu pai fica assim, esquecido, misturando as coisas. Acontece isso sempre que ele bebe. Tem um remédio que tinha que tomar, mas nunca lembra. Pego o celular pra ligar pra minha mãe, que ela precisa se preparar pra ver ele assim nesse estado, que nunca é fácil.

“Alô Dona Gládis? É o teu filho do meio. Não, nada de grave não. Eu tô bem, mãe, o problema é com o pai. Como, o que tem ele? Tava bebendo na Cidade Baixa de novo. Não, já falei que tô bem, mãe, nem bebi, o pai é que tava caindo de bêbado na rua, nem tá me reconhecendo mais. O quê? Quem? Já disse, o meu pai, teu marido! O quê?! Cala essa tua boca, mãe, mas a senhora não sabe de nada mesmo, Dona Gládis! Alô, Dona Gládis? Mãe? A senhora tá chorando, mãe? Mas como que ele pode tá morto, Dona Gládis, se ele tá aqui comigo? Tá sempre aqui comigo... Tá sempre aqui... Sempre.”

Do lado de lá da ponte

O rádio-relógio toca no horário previsto: 7h30. Raul acorda animado para a entrevista marcada para as 9 horas do outro lado do Rio Guaíba. Apesar de ficar a apenas 5 quilômetros do centro de Porto Alegre, Eldorado do Sul – como qualquer outra cidadezinha do lado de lá da ponte – sempre lhe parecera o nome de um lugar distante, uma desconhecida vila interiorana que abriga segredos pedindo para serem desvendados. O fato é que Raul só atravessara a ponte quando criança, em viagens de longa distância para o sul do estado. Nas férias de verão, ao contrário dos colegas, que iam todos para o litoral norte, costumava ir a Bagé visitar a fazenda do seu avô Inácio, cujas terras atravessavam a fronteira com o Uruguai. Uma vez o avô lhe mostrara um pequeno riacho, de uns dois metros de largura, e lhe dissera: “Aqui, desse lado de cá, ainda é Brasil. Do lado de lá, na outra margem, já é o Uruguai”. Nesse dia, depois de encontrar uma tábua longa o suficiente, o pequeno Raul passou a tarde brincando de atravessar a ponte improvisada. Ao fim do dia, podia gabar-se: “Hoje fui pro Uruguai 42 vezes”.

Em pé, terminando uma xícara de café, grita: “Suzana, onde é que tu botou a minha gravata vermelha?” Suzana, vestindo uma camisola que ele comprou, entra na cozinha segurando a gravata e pergunta:

– Amor, tu não vai te atrasar? Não era às nove a entrevista?
– Tá tranquilo, saindo uma hora antes eu chego lá com folga ainda.
– Mas meu bem, já são dez pras nove!

Não é preciso mais que um segundo para que Raul se dê conta do equívoco:

– Puta que pariu! O horário de verão!

Sorve o café de um gole só, pega a gravata, o paletó, a pasta e sai correndo aos tropeços em direção ao carro, enquanto solta pelo caminho alguns puta merda, porra do cacete e puta que pariu, depois volta para dar um beijo na mulher. Suzana disfarça a vontade de rir com aquela cena toda. Sabe que, atrasado ou não, tudo vai dar certo nesse início de vida a dois. “Raul é jovem e esforçado, se não der nessa entrevista, haverá outras”, pensa Suzana. Ela vai até o banheiro e coleta a primeira urina do dia.

Raul acelera, passa por alguns semáforos vermelhos. Repassa mentalmente a provável entrevista. Três qualidades? Três defeitos? Onde se vê daqui a cinco anos? Tinha decorado tudo, mas agora parece que não consegue pensar e se concentrar no trânsito ao mesmo tempo. Passa a falar em voz alta, tentando encontrar o tom certo entre ser casual sem parecer displicente, e parecer firme sem soar mecânico: “Adaptação..., não, Adaptabilidade: sei me adaptar bem a novos ambientes e a novos desafios; Curiosidade: sempre busco saber mais sobre novos assuntos; Flexibilidade: sei me adaptar a novos ambientes e a nov... Droga, isso é o mesmo que o primeiro! Vamos trocar por Sei trabalhar em equipe”.

Consegue chegar rápido à saída da cidade. O problema é o emaranhado de túneis, viadutos, rotatórias e retornos até chegar à ponte. Trânsito cada vez mais lento. Sente o suor descer pela testa. “Sou perfeccionista, não largo um projeto enquanto não tiver certeza que dei o melhor de mim. Que mais? Merda, essa parte dos defeitos é sempre a pior.”

Toca o celular. “Senhor Raul, aqui é a Keyla da DPA-Kern, só pra confirmar se o senhor vai estar comparecendo à nossa dinâmica de grupo hoje. Sim? Não tem problema, todos os

candidatos de Porto Alegre estão atrasados, parece que teve engarrafamento na entrada da ponte. Então até logo mais então. De nada, tchau.”

“E essa agora”, pensa Raul, “fiquei ensaiando horas pra uma entrevista individual e vai ser uma porra de uma dinâmica. Aquela baboseira de montar quebra-cabeça pra mostrar como sabe trabalhar em grupo. ‘Se fosse um animal, qual animal você seria?’ No meio desse trânsito eu seria uma lesma, que essa merda não anda. Ou um jumento, pra não ter me dado conta da mudança de horário. Nossa, um retorno livre direto pra subida da ponte, que beleza”.

Exultante, Raul acelera cada vez mais pela pista livre, subindo a ponte, enquanto, na subida ao lado, veículos se aglomeram em lentidão. “Rá, posso acrescentar isso nas qualidades: ‘sei aproveitar uma boa oportunidade quando vejo uma’, sou uma cobra que dá o bote na hora certa, uma águia atenta a todos os detalhes, um leão, que toma decisões rápidas mesmo diante do perigo, um peixe que nada contra a corren...”. Ao ver o vazio a sua frente, Raul pisa no freio bruscamente, mas o carro segue deslizando desordenado pela pista até desaparecer no vão de 24 metros de altura da ponte levadiça. Durante a queda, mal tem tempo de se ajustar à nova realidade. Antes do impacto, ainda ouve o sinal de uma mensagem de Suzana que jamais será aberta: “Amor, tenho uma surpresa pra gente ;)”.

Despedida

– Então, depois que o senhor viu o nome do Humberto Carvalho de Souza no jornal, já decidiu o que ia fazer?

Silêncio.

– Pode responder à pergunta? Senhor Heitor? Senhor Heitor! Heitor tinha os olhos fixos no nada, absorto em pensamentos de outra época. O som de repetidas batidas na porta o trouxe de volta.

– O que foi porra? Estou em interrogatório – disse o inspetor Chaves.

– O advogado dele chegou – falou uma voz do outro lado.

– Manda entrar.

– Sou o advogado do senhor Salgado.

Não precisava de apresentação, pensou Chaves. A figura de cabelos com gel e de incômodos terno e gravata naquela noite quente só podia ser advogado.

– Chegou em boa hora, o indivíduo empacou – falou Chaves impaciente. – Vai falar ou não?

Heitor olhou para ele, depois para o advogado.

– Mas eu já falei tudo, tantas vezes... – disse com voz sonolenta.

– Mas pode falar tudo de novo, tempo a gente tem de sobra. Além do mais, o doutor...

– Pacheco – disse o advogado.

– ...o doutor Pacheco aqui não ouviu ainda. Mas antes...

Chaves pegou o telefone e digitou uma tecla.

– Zenaide, faz o favor de trazer um café aqui pra gente. Isso, três. Não, traz logo a garrafa, que a noite promete ser longa.

Virando-se para Heitor, continuou:

– E então, seu Heitor, vamos lá, sou todo ouvidos.

Heitor fechou os olhos azuis antes de começar a falar, parecendo buscar as palavras de um lugar muito distante, um lugar que não queria mais visitar. E começou.

Disse que naquela manhã tinha visto o nome de Humberto Carvalho de Souza na seção de obituário do jornal, não sem certa surpresa, pois não mencionava a causa da morte e ele ficara curioso para saber do que alguém da idade dele morria. Coração era sempre o mais provável, tratando-se de alguém de 44 anos, pensou. Mais abaixo, nos anúncios fúnebres pagos, viu que o enterro seria às 17 horas no Cemitério São Miguel e Almas. Decidiu se despedir do ex-colega de escola que não via há mais de trinta anos. Não falou nada para a mulher, ela estranharia ele faltar a uma reunião de trabalho (fechar o armazém no meio da tarde) para ir a um velório de alguém que ela nunca ouvira falar. Nunca mencionara Humberto, o Beto, nem mesmo para a psicóloga junguiana que via há quatro anos. Para ela também omitira que Beto ainda aparecia em seus sonhos, às vezes tal como era na infância – menino sardento e alto, cabelos de fogo – às vezes na figura de um ser grande e disforme que o perseguia em pesadelos intermináveis, que não raro terminavam em sobressaltos na cama, acordando sua esposa.

Às 16 horas estacionava seu carro em frente ao cemitério. Achou fácil o local do velório, Humberto C. Souza Capela B.

Zenaide entrou sem bater, com seus saltos repicando no piso de parquet, trazendo uma garrafa térmica verde e copos descartáveis. Heitor esperou até que ela saísse para continuar sua narrativa.

Chegando à capela B, o cenário era típico. Mulheres mais velhas sentadas, lenço na mão, olhos inchados de quem pouco dormiu; homens reunidos em rodas, expressões duras de

forçado desalento; crianças pequenas entre o desinteresse e o susto, talvez vendo seu primeiro morto, numa iniciativa dos seus pais para se acostumarem com a imbecilidade da morte desde cedo. Também havia os parentes mais próximos, fáceis de distinguir, pelo choro sincero e roupas escuras. Uma senhora olhava para o conteúdo do caixão, a mão sobre as mãos cruzadas do morto, e movia os lábios sem emitir sons vocálicos. Ele olhou ao redor, ninguém o encarava, ninguém questionava aquela presença desconhecida, a comunhão da morte não permitia desconfianças. Depois que a mulher saiu, aproximou-se do caixão. Humberto, apesar da maquiagem funerária, do algodão e da cola nos lábios, era perfeitamente reconhecível como o garoto que tanto lhe atormentara nos tempos de escola. O nariz adunco era o mesmo, apenas mais largo, e o cabelo ruivo ficara mais escuro, ou seria apenas impressão, se perguntou Heitor. Para ele, aquele rosto era de uma óbvia maldade intrínseca, como é que ninguém mais via isso? Era o rosto que sorria quando ele abaixava as calças de Heitor na frente de todos, durante o recreio; era a face satisfeita depois que lhe surrava no campinho dos fundos do colégio depois da aula; era o semblante dissimulado quando ele sentava em uma tachinha no seu assento, ou quando dava falta de seu caderno, apenas para encontrá-lo jogado em uma poça de lama no dia seguinte.

Ao contar isso, Heitor tinha os dentes cerrados, e sua testa começava a porejar pequenas gotas.

— Zenaide, traz um ventilador que esse calor do cão ninguém aguenta — gritou Chaves ao telefone. — Certeza que não quer um café? Então vamos adiante...

Ao lado do caixão, olhando para o seu algoz envelhecido e

sem vida, Heitor se perguntava por que nunca reagira. Beto não era muito mais forte que ele, mas ele sempre se submetera, como se estivesse diante de um temível adversário, sem rival. Uma vez flagrara Beto roubando dinheiro do caixa do xerox. Seria a oportunidade de vencê-lo, bastaria contar para uma professora o que vira, e seu inimigo seria expulso, trazendo-lhe paz na vida escolar. Ou quem sabe o segredo seria um salvo-conduto que o livraria de futuras angústias.

No entanto, calou para sempre ao pesar as palavras que ouviu na hora:

– Se tu contar pra alguém, eu te quebro a pau!

Um braço lhe tocou de leve. Era o padre, pronto para o seu discurso. Heitor se retirou, e se postou atrás dos demais, perto o suficiente para ouvir o que o religioso tinha a dizer. “Estamos aqui reunidos para nos despedir do nosso amigo...” Fez uma pequena pausa para ler um pedaço de papel. “...Humberto Carvalho de Souza.” Heitor achou aquilo tudo estranho. Como é que Beto podia ter amigos de verdade, sendo o ser cruel que era? Será que mudou tanto assim depois da escola?, pensava. Era como se apenas Heitor soubesse quem o senhor Carvalho era de verdade. Beto era quem, certo dia, durante uma aula de Educação Física, colocara fezes humanas dentro dos bolsos traseiros das calças de Heitor, que no momento usava seu calção durante um jogo de handebol. Sem notar nada, Heitor voltara para a silenciosa aula de Matemática da professora Diocécia e, ao sentar-se na sua cadeira, fez o cocô derreter e se espalhar, lentamente tomando a sala com seu odor insuportável, fazendo todos examinarem as solas dos sapatos, a pedido da professora. Foi Clarice quem primeiro notou: “Guri, tu tá cagado?!”. Para seu pavor, Heitor se levantou e passou a mão atrás das

calças, marcadas por uma mancha marrom enorme. Saiu correndo para o banheiro, seguido pela professora. A massa fétida já havia atravessado o tecido da calça de veludo, manchando também as cuecas. Ninguém acreditou quando ele disse que não eram suas próprias fezes. Desde aquele episódio, até o fim dos seus dias no Colégio Estadual Dom Pedro II, conviveu com o apelido que ganhou após o incidente: Cagado. Era como se tivesse perdido para sempre o sobrenome, Salgado, por um que os colegas consideravam mais apropriado. Daquela vez não ficou quieto. Chegando em casa contou tudo e apontou o culpado, mesmo que não pudesse provar nada. A mãe era funcionária do refeitório na escola, e temia que um incidente como esse pudesse lhe custar o emprego, afinal não poderia acusar sem provas o filho da diretora. O pai se irritara com ele, dizendo que tinha mais é que enfrentar o valentão, e não dar uma de cagueta, “que ninguém gosta de cagueta”. Acrescentou:

– Também levei muito pau no colégio e tô aí, firme e forte! Seja homem!

Desamparado, Heitor voltou ao colégio, agora local de opróbrio sem fim.

Heitor não acompanhava por inteiro o discurso do padre, mas as palavras que ouvia o exasperavam ao extremo. “Sentiremos sua falta... bom pai... bom marido... bom filho... bom colega... querido por todos... na companhia de Deus... vamos erguer as mãos...” Novamente Heitor apertava a mandíbula e os punhos, imerso nas memórias que agora jorravam. Após o capítulo vexaminoso, as agressões do seu perseguidor se tornaram mais esparsas, e se resumiam a um ou outro cascudo no recreio. Também pudera, Humberto lhe impusera um calvário permanente, além de multiplicar o número dos que

faziam troça dele. O apelido também trouxera consequências, como um afastamento gradual de todos os colegas, que não queriam ser amigos do Cagado. Seguiu assim, enclausurado em si mesmo, por meses. Um dia, para sua surpresa, ao chegar à sua carteira, não havia tachinha ou pó de giz, mas um papel dobrado. Olhou para os lados antes de abri-lo. Dizia, em letra cursiva caprichada: “É pena tudo isso. Sei quem foi. Estou do teu lado, acredito e gosto de ti.” Seu coração disparou. Não estava sozinho, afinal. Não eram todos cegos, alguém o notara e ainda fizera questão de compartilhar isso. E o melhor de tudo: pela caligrafia, só poderia ser uma menina. Nas semanas seguintes, os bilhetes continuaram: “Estou mais perto do que tu pensa. Pode contar comigo.” E também: “Queria muito te conhecer melhor. Quem sabe um dia...”. Lia algumas mensagens escondido no banheiro do colégio, pois por vezes ficava com o rosto afofueado. “Sabia que tu é uma graça? Beijo” Eram sempre mensagens curtas, mas que lhe tiravam o fôlego. Passou a vir para a escola com expectativa, sorria do nada, com ar de bobo. Nem o dia em que Beto lhe deu um tapa na cabeça dizendo “Tá rindo do quê, Cagado? Ninguém mandou tu rir” lhe tirou a alegria. Começou a observar todas as 15 meninas da sala com mais atenção. Seria Marília, a baixinha que já lhe pedira a borracha emprestada duas vezes? Ou então Talita, a lourinha delicada da primeira fila? Podia muito bem ser Renata, que o ignorava mais do que todas. Poderia ser qualquer uma, e o angustiava não poder responder e transformar aquele monólogo em diálogo. Uma troca de palavras que, antecipava, seria longa e prazerosa, não importava qual fosse a menina. Podia ser até mesmo Rinália, a “bruxinha”, também quieta e de poucos amigos, era a única, agora percebia, que

podia se identificar com a solidão dele. Os recados não eram diários, e se seguiram por várias semanas. “Desculpa eu não dizer quem eu sou. É que sou tímida. Em breve vou aparecer pra ti.” Outro recado que lhe tirou o sono. Chegava a sonhar com a menina anônima. Estava o mais próximo que chegara na vida de estar apaixonado, um sentimento desconhecido até então. No dia seguinte, outro recado: “Resolvi vencer a timidez. Se não quiser me encontrar, vem de preto amanhã. Se quiser, vem de branco e me espera depois da aula no campinho.” Não dormiu aquela noite. Durante a aula, a professora teve que lhe chamar a atenção diversas vezes, pois esquecia até de responder a chamada. Quando a campainha do meio-dia tocou, foi o último a sair da sala, arrumando suas coisas devagar. Depois que todos já tinham ido embora, apareceu, todo de branco, no campinho dos fundos e esperou. Já estava ali havia dez minutos, quando viu um grupo de meninos e meninas se aproximar, com Beto à frente.

– O que tá fazendo aqui sozinho, ô Cagado? – falou Beto.

Heitor ficou em silêncio, pensando no azar que tivera. A menina não apareceria se houvesse mais gente no terreno, e o encontro seria adiado.

– Não vai responder, é? Tá esperando a namorada? Ou quem sabe é o namorado?

Os meninos e meninas riram com a última frase, mas as risadas não atingiram Heitor, que sabia ter um apoio, mesmo que oculto.

– E por que tá todo de branco? Virou pai de santo agora? Além de Cagado é macumbeiro?

De novo, as desprezíveis risadas do grupo.

– Olha ela ali chegando – disse Beto apontando para o lado.

Heitor se virou para ver e tomou uma rasteira. Beto e outro menino o arrastaram pelas pernas até o tonel de lixo e despejaram o conteúdo em cima dele. Era o lixo do refeitório do colégio, que sua mãe recolhera horas antes, com cascas de ovos, tomates, feijão e outros restos de comida. Levantou-se com a roupa imunda, gritando:

— Olha o que vocês fizeram! Como é que vou encontrar minha amiga desse jeito?

E todos gargalharam, se dobravam de rir. Menos Beto, que lhe disse: — Mas tu é burro mesmo, hein? Não entendeu ainda? Não existe amiguinha nenhuma. Foi a gente que escreveu. Tu acha que alguém ia querer namorar um Cagado? “Sabia que tu é uma graça, beijos” — falou com voz afetada. — Quem é que ia querer um Cagado que nem tu?!

Saíram dali, e Heitor ficou só novamente. Mais só do que jamais fora. Já em casa, depois que a mãe contou para o pai o estado em que chegara, apanhou de cinta.

“Pai nosso que estais no céu...” Todos estavam de braços erguidos para a frente, as palmas das mãos para cima, repetindo o que o padre dizia. “Assim na terra como no céu...” Para Heitor, o homem dentro do caixão não era um pai, um marido, era o Beto de sempre, apenas sem respirar, era um farsante, se conseguia enganar a todos por tanto tempo. “...assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. Na escola, aprendera a não confiar, a não acreditar em ninguém, não fez amigos nem depois, na faculdade. “...mas livrai-nos do mal. Amém.” Quando o caixão desapareceu pela portinhola para ser levado à cremação, algumas mulheres desataram a chorar.

Lembrou-se do filho, que ficara de pegar na escola. Olhou para o relógio e saiu correndo dali, esbarrando nas pessoas e

derrubando um vaso de flores, que se espatifou no chão. Pegou o carro e foi correndo para o Dom Pedro II. Suas mãos suadas tremiam no volante, com a visão embaçada, nem sequer percebeu que passara diversos sinais vermelhos. A recente visita ao passado no cemitério lhe reavivara lembranças que amaldiçoava. Percebera que nunca deixara de ser o Cagado, no trabalho, com o chefe e os colegas; em casa, com a mulher e o filho Binho, que apanhava de um colega que lhe roubava o lanche diariamente. Não havia, na infância, qualquer resquício de nostalgia para ele, era apenas a fase da vida em que se pode ser cruel sem maiores consequências. Era a fase da vida em que os homens se mostram em essência, antes da continuada repressão da vida adulta. Dezenas de crianças se aglomeravam na saída. Reconheceu entre eles o menino que aterrorizava seu filho. Cercado por um grupo de alunos, contava alguma coisa, gesticulando muito, e todos em volta se contorciam rindo. Lembrou-se dos bilhetes falsos, das surras, dos apelidos, da sua impotência infantil, que parecia nunca tê-lo abandonado. Se ele ainda era Cagado, não havia inocentes ali, todos eram Beto. Apertou as mãos no volante, se certificou que não estavam passando outros carros, e acelerou em direção ao portão da escola, onde atingiu e matou duas professoras e onze crianças e feriu gravemente outras sete.

Heitor se calara havia alguns segundos e ninguém na sala parecia quebrar aquele silêncio. O advogado o observava quieto. Lá fora, dezenas de repórteres o aguardavam, assim como centenas de pessoas que cercavam o local. Os dias e os anos que lhe aguardavam seriam difíceis. Mas nada disso importava, havia encontrado a paz, pensou Heitor, libertei aquelas crianças para sempre.

O Grande Circo

Poucas eram as distrações para uma viúva de 50 anos em Itacubira da Serra no final dos anos 90. Por isso, dona Idalva achou que não seria de todo mal ver o novo circo que se instalara na cidade. O último que passara por lá, havia cinco anos, conseguira agradar a todos, crianças e adultos, com suas atrações.

Caminhava sozinha e a passos lentos, ignorando a garoa fina que caía naquela noite de verão. O carro de som do Gran Circo Royale passara o dia anunciando as atrações da noite: o mágico Petchinsky, o Palhaço Trapaça, o domador Don Leon e Hércules, o homem mais forte do mundo, além de equilibristas e malabaristas. Nenhuma delas incutira em Idalva qualquer sentimento nostálgico, afinal jamais fora ao circo na infância. E ir sem companhia ao circo também a lembrava de como era solitária. Depois da morte de Eleumar, sua companhia eram as revistas de cinema antigas que colecionava e não cansava de folhear, aos suspiros, deslizando os dedos por fotos em preto e branco de Johnny Weissmuller, Clark Gable, Cary Grant, Gregory Peck e tantos outros.

Ao avistar a tenda vermelha e o burburinho de pessoas em volta, Idalva saiu do seu devaneio hollywoodiano para a realidade de uma noite sem promessas. Comprou um saco de pipocas e sentou-se perto do picadeiro. Como convém a um circo de poucos recursos, no Gran Circo Royale os funcionários desempenhavam múltiplas funções: o vendedor de pipocas estava no número da corda bamba, a bilheteira era assistente do mágico e o domador também era palhaço. As roupas de todos, e isso até mesmo Idalva podia notar à distância, eram puídas, e remendadas e costuradas à exaustão dos tecidos.

Os números que seguiram pareciam divertir muito o público infantil, mas não despertaram mais do que sorrisos cansados em Idalva. Logo após o mágico Petchinsky se apresentar, entrou Hércules. Foi quando o coração de Idalva acordou. Aquele homem de macacão de pele de tigre com uma alça só, deixando à mostra seu tórax brilhoso era ele, um de seus maiores ídolos do cinema, o americano Victor Mature, ator de *Demetrius e os gladiadores* e do inesquecível *Sansão e Dalila*. A boca de Idalva secou, sua respiração ficou mais pesada, suas pernas formigaram. Esqueceu-se de aplaudir a sua entrada, o que os outros fizeram displicentemente, mas nenhum aplauso seu seria suficiente para saudar esse grande astro. Mesmerizada até o fim da apresentação de Hércules, em que ele levantou pedras de uma tonelada, entortou barras de ferro com as mãos e arrebentou grossas correntes, Idalva teve que sair da tenda para respirar melhor e colocar os pensamentos em ordem. Caminhou a esmo por alguns minutos pelo terreno embarrado do circo. Atrás de um trailer, viu um homem sentado em uma cadeirinha metálica tomando uma cerveja no gargalo. Era Victor. Seus olhares se cruzaram, e ela ficou paralisada. Ele logo abriu um sorriso para ela. Assustada, ela saiu dali para casa.

No chão da sala, colocou todas as revistas que tinha guardadas. Olhou uma por uma procurando as fotos de Victor Mature. Ele seguramente já não era mais tão novo agora, mas mantinha intacto seu ar de galã. Naquela noite, a vida de Idalva começava a mudar.

No espetáculo seguinte, Idalva estava sentada no mesmo lugar da noite anterior, mas dessa vez colocara suas melhores roupas e fizera algo que não fazia desde a época do falecido: pusera batom. Suportou os truques previsíveis do mágico com impaciência, e não achou graça das trapalhadas coreografadas

dos palhaços, mas vibrou com a entrada triunfante de Hércules. Ficou vidrada durante a apresentação e, mais uma vez, ficou paralisada ao ter seu olhar retribuído com um sorriso e uma piscadela discreta de Victor. Ao final, saiu atordoada da tenda e foi em busca de água. Lembrou-se do trailer da noite anterior e foi a passos curtos espiar o astro. Dessa vez, não havia ninguém ali, apenas a cadeirinha metálica vazia.

– Me procurando? – Ouviu atrás de si. Era ele quem a encontrara.

Para sua surpresa, ficou menos nervosa do que antecipara. De início, reagiu tímida, mas se sentia à vontade com ele, como se já se conhecessem. Ele disse que ela era muito bonita e a convidou para jantar no trailer dele depois que o circo fechasse. O jantar, que ele mesmo fizera em uma panela, era simples, assim como o vinho que beberam. Mas para Idalva nada poderia ser melhor. Ela se deixava levar por aquilo que para ela, até então, só acontecia em filmes. Depois de algumas taças, ela elogiou suas atuações, citando em detalhes cada um dos seus filmes, e desandou a fazer-lhe perguntas. Ele explicou que estava cansado da rotina de Hollywood e da vida conturbada e sem sossego que tinha nos Estados Unidos. Lá, ele dissera, havia muita gente falsa, que só se aproximava dele porque tinha fama e dinheiro, então largara tudo para viajar pela América do Sul, onde não era tão conhecido. Pediu a ela que não fizesse alarde sobre sua presença, pois já tivera problemas no passado por conta disso. Até adotara um outro nome para não chamar a atenção por onde passasse, Héctor Valdéz. Vivera alguns anos no Uruguai, por isso o seu carregado sotaque espanhol quando falava português, que tinha aprendido rápido, dado o seu talento nato para línguas. Às vezes dizia coisas em inglês para ela, que vibrava, mas que não

entendia palavra alguma. Se juntara ao circo na Argentina, pois, segundo ele, a arte o chamava, e um verdadeiro artista tinha a obrigação moral de atender a esse chamado.

Ao acordar na cama de Victor pela manhã, ele já estava de pé, preparando o café. Seguiram por uma semana em noites de amor e dias de glória. Ele a apresentou aos outros membros da trupe. Ela se divertia com todos, perguntava muito sobre o trabalho e passou até a ajudar na bilheteria. Era, sem dúvida, um mundo à parte. Até que a realidade visitou Idalva novamente: o circo partiria em cinco dias. Chorou muito, e Victor a convidou para vir junto, poderia trabalhar no circo com ele, conhecer outros lugares. Ela pensou em tudo o que tinha a perder se saísse de Itacubira da Serra com o circo. Não era uma adolescente para fugir em uma aventura inconsequente. O que diriam todos? O que pensariam dela? Não, não poderia ir. Por que ele não poderia morar com ela? Ela lhe daria tudo, suplicava Idalva. Ele era um artista, explicou ele, precisava seguir.

Na manhã seguinte à última apresentação do circo, ele estava ajudando a desmontar as últimas estruturas que estavam de pé. Sorriu ao ver uma figura ao longe carregando com dificuldade duas malas e mais uma sacola grande. Ele mostrou-lhe seu trailer repleto de caixas e disse-lhe que deveria escolher uma das malas apenas. Ela deixou no terreno a mala com revistas.

Pelos três anos seguintes, não teve qualquer contato com os habitantes de sua cidadezinha. Cortara todos os laços com o passado. Ele lhe dava tudo o que precisava, e ela retribuía com admiração e afeto. Ele era acima de tudo um cavalheiro, nunca levantara a mão para agredi-la, como tantas vezes fizera Eleumar. À noite, durante os jantares que ela passara a preparar, ele lhe contava histórias dos bastidores de Hollywood,

detalhes sobre os diretores, as festas, as belas atrizes com as quais contracenara, e nessa parte ela sempre fingia ciúmes. No circo, mesmo que os números se repetissem, não havia rotina, cada dia era um novo dia, alguém que se machucava, uma mulher grávida (havia outros casais), um furto aqui e ali e outros pequenos dramas sem os quais ela não sabia mais viver. Assistia raramente aos espetáculos. Como empregada, tinha sempre alguma tarefa a cumprir antes de se recolher ao seu trailer. Uma noite, ela leu no jornal uma pequena nota:

Faleceu ontem, de leucemia, o ator Victor Mature na sua casa em Rancho Santa Fé na Califórnia. Ele estrelou clássicos do cinema como *Sansão e Dalila*, *O Grande Circo* e *O Fino da Vigarice*. Tinha 86 anos e não deixa filhos.

Quando retornou da sua apresentação, ainda suado, Idalva mostrou-lhe a nota no jornal. Ele enrugou a testa dramático, as sobrancelhas arqueando, e vociferou em indignação: “Mas que impostor!”.

Passeio noturno

Criado desde os sete anos pelos avós, depois que seus pais morreram num acidente, Osmar sempre soube que jamais gostaria de chegar à velhice. Passou a infância cercado de hábitos de velhos, seus odores desagradáveis e a crescente deterioração física dos pais da sua mãe.

Tudo sobre seus avós o exasperava: o barulho que sua avó fazia ao mastigar o pão molhado no leite no café da manhã, o acre odor de alho no suor do avô, a dentadura no copo com água no criado-mudo, a escarradeira imunda que era encarregado de limpar todos os dias, o cheiro de urina do quarto deles.

A atmosfera daquela casa, tomada pelo cheiro de mofo e naltalina, parecia não permitir a entrada de juventude. As sempre mais escassas visitas que recebiam eram de outros velhos, que envergavam as mesmas roupas de tecido grosso, escuras, tediosas, como um uniforme de uma geração que desprezara o futuro.

Quando tinha treze anos, acordou de madrugada para ir ao banheiro – sempre ignorara o penico colocado embaixo da cama pelos avós. Depois de urinar, sentindo o gelado dos azulejos sob as solas dos pés, enquanto lavava as mãos na pia repleta de vidrinhos marrons, tubos de pomadas, cartelas de comprimidos e caixinhas de remédios de diversos tamanhos, ouviu um barulho vindo do fundo do corredor. Era uma espécie de choro baixo, longo e ritmado, em intervalos que pareciam ficar cada vez mais curtos. Nunca vira sua áspera avó chorar, e não imaginaria outro motivo para isso senão a morte do seu avô. Sem acender a luz, foi a passos lentos em direção à porta do quarto dos avós. Seu coração acelerava, e o lamento vindo do quarto se tornava mais audível, era inegável o desespero da voz que já não escondia a tristeza, dando grandes golfadas que ficavam à fronteira do grito. Se seu avô estava mesmo

morto, pensava, ficaria aos cuidados apenas daquela carrancuda mulher até a morte dela, teria que se encarregar de tudo para o enterro, e a já fria casa se tornaria mais ausente de calor. Notou que seu pijama grudava na pele, de tanto que suava, sentia-se febril e suas mãos tremiam ao empurrar a porta. Sob a luz da lua, viu dois corpos nus que se debatiam um contra o outro, um amontoado de pelancas brancas trêmulas, nádegas murchas e rugas indecentes. Seu avô arfava, com movimentos de sapo moribundo. Sua avó estava de olhos abertos, num arrebatamento de transe, pela boca seca de dentes escuros saíam os sons aflitos que o guiaram até ali. Correu até o quarto e vomitou no penico.

Entrou na adolescência e na vida adulta sem nunca abandonar a certeza de que não se submeteria ao processo de envelhecimento e evitando ao máximo o contato com pessoas mais velhas sempre que podia. Tornou-se professor de uma escola para menores infratores, e assim permanecia cercado por uma juventude agitada a maior parte dos seus dias. Exceto pela aversão ao envelhecimento – o seu e dos outros –, levava uma vida bastante normal. Lidava com isso sem desespero por causa de um plano simples que tivera ainda na casa dos vinte anos e que nunca abandonara: seria assassinado antes de se tornar um velho decrépito. Contrataria um matador e daria a ele o prazo de uma semana para matá-lo – de preferência sem sofrimento.

Não foi tão difícil encontrar alguém para fazer o serviço, muitos de seus ex-alunos seguiram firmes pela carreira do crime. Greisco fora um de seus melhores alunos. Em pouco tempo tornara-se um dos favoritos de Osmar, com quem conversava abertamente sobre suas transgressões. O professor não entendia como alguém tão inteligente e perspicaz, que tirava as melhores notas sem mesmo ter cadernos para fazer anotações,

desperdiçava a vida com atividades de tamanho risco. Talvez alguns nascessem para isso, pensava.

Silêncio foi a primeira reação de Greisco ao ouvir Osmar lhe fazer a proposta naquela praça onde o rapaz fumava craque.

— É um câncer de esôfago — mentiu para o garoto. — Não há mais cura e qualquer tratamento é inútil a essa altura.

— Entendi. O senhor quer uma morte digna.

— Exato. Não quero terminar meus dias vendo minha saúde se extinguir aos poucos.

Greisco, por respeito ao professor e também pela quantia em dinheiro que ele jamais tivera em mãos na vida, aceitou o trato. Era traficante havia anos e agora viciado, e explicou que não era assassino e por isso não tinha uma arma, precisaria de tempo e grana para consegui-la.

— Não há problema — respondeu Osmar. Tu sabes onde eu moro. Todas as noites caminho pela praça deserta em frente ao rio. Não há risco. Te dou metade agora e a outra metade estará na minha carteira quando fizer o serviço. Faça antes do final do mês.

Naquela noite, Osmar foi para o seu passeio noturno. Não tinha fé de que seria naquela noite, sentia-se como num ensaio para a encenação final. A segunda noite passou sem percalços. Na terceira, viu um vulto que pensou ser do seu ex-aluno. Fechou os olhos e esperou o estampido, mas nada aconteceu. Não lhe vinha qualquer sentimento de arrependimento, qualquer apego desesperado pela vida, ou vontade de fazer algo diferente, apenas aumentava o medo de ficar velho. Após uma semana ainda seguia para casa incólume e começou a se preocupar, afinal já era dia 26. Foi até a praça onde fizera o acordo de morte e não encontrou Greisco.

Na noite do dia 31 voltou para casa e adormeceu, tentando em vão ignorar o mais infeliz dos seus aniversários.

Se der, eu volto

Eu a perdi para a Revolução.

As balas zunem lá fora, bombas explodem, sirenes soam, gritos ecoam, helicópteros ameaçam, a cidade vibra, e eu aqui, na cama, pensando onde andará Gabriela.

- - -

Não vi os sinais. Sempre fui alheio ao meu entorno, ignorando tudo o que não era eu. Gabriela não. Mulher de mil causas, não sei de onde tirava tanta energia. Ou era a própria energia que estava a serviço de Gabriela? Lia livros inteiros numa noite, pulava de cachoeiras, escrevia para o jornal da faculdade, cuidava dos seus três cachorros e do pai doente, pintava mechas verdes, trabalhava meio turno na biblioteca municipal, estudava russo, fazia natação, e ainda assim arranhou tempo para notar alguém tão diferente dela em tudo. Como soube depois, foi por causa dos livros que eu pegava emprestados. A única ficção era Shakespeare, no original, e em suas diversas traduções, que eu gostava de cotejar; o resto eram dezenas de livros de fotografia e guias de viagem. Os guias eram de lugares variados, como Indonésia, Egito, Hungria, Quebec. Parecia que estava planejando uma volta ao mundo, foi o que ela me disse. Mais tarde, com a convivência, ela descobriu que eu mal saía de casa. Tímido e com medo patológico de multidões, tinha frequentes crises de pânico na rua, fazendo um esforço brutal para buscar minha fuga semanal na biblioteca, perto de casa e quase sempre vazia. Mas não pareceu se importar muito com minha habitual reclusão. Naquelas tardes de domingo, a minha cama era o nosso mundo. Hoje é um cemitério de memórias.

As lápides, seus fios pretos cacheados no travesseiro.

Vieram as reuniões, as viagens, depois as malditas passeatas. Uma vez voltara quase cega, com os olhos inchados do gás lacrimogêneo. Noutra, chegou em casa com um corte no supercílio esquerdo, que lavei, tratei e beijei. Em nenhuma dessas ocasiões pareceu triste ou assustada, o que ela deixava transparecer era orgulho. Eu entendia seu ímpeto rebelde, eu tivera minhas experiências, antes de ela ter nascido, e por isso mesmo julgava suas atividades como um mero entretenimento juvenil. Primeiro houve a queda do prefeito, do governador e, depois, da presidente, e só então fui me dar conta de que, dessa vez, a situação era bem mais grave. Era o golpe, e a subsequente Revolução. Soube de tudo isso por ela, já que eu não via tevê nem lia jornais.

Amigos de Gabriela já haviam sido presos ou simplesmente desaparecido, e implorei para que ficasse comigo em casa:

– Podemos estocar alimentos até isso tudo passar, ficaremos bem – falei.

– Não posso. Precisam de mim – disse ela.

– Quem precisa de ti sou eu – respondi.

Nessa noite discutimos violentamente, e dormimos em aposentos separados. Pela manhã, sua mochila havia sumido, e ela também. Deixou para trás roupas, livros e um bilhete que me perfurou o peito:

Se der, eu volto.

te amo,

G.

- - -

21 dias

Passaram-se 21 dias e não soube mais dela. Ligo para o seu celular todos os dias, embora esteja sempre desligado. E agora deixo a televisão permanentemente ligada, aproveitando os raros momentos em que a eletricidade é restabelecida, na esperança de ver uma imagem sua no noticiário. Uma vez vi uma jovem de lenço ocultando o rosto que pensei ser ela. Na cena, repetida algumas vezes, arremessava uma garrafa em chamas contra a polícia de choque. Mas foi em outra cidade, terá sido mesmo ela? A situação só piora: agora a polícia não usa apenas balas de borracha e gás lacrimogêneo, está usando munição de verdade. Quando a energia cai, ligo o rádio a pilhas, como se qualquer alteração no tom de voz do locutor fosse me dar alguma pista da presença dela. Lacrei as janelas com fita isolante para evitar a fumaça da rua. Cada estouro de bomba que ouço, cada tiro, cada estilhaço de vidro é um estremecimento por dentro, em breve não terei mais nada inteiro.

50 dias

Emagreci e pouco durmo, uma barba se espalhou em desordem pela minha face como inço em um terreno abandonado, apagando meus traços pálidos; e a falta dela só aumenta. Há pouco mais de um ano, Gabriela irrompeu pela minha porta, e injetou vida a uma mera existência. E o seu silêncio hoje me esmaga, preenchendo cada centímetro do apartamento, cada vão entre os móveis empoeirados. Não sei para quem ligar, não conhecia seus amigos. Buscar informações em órgãos oficiais só vai colocá-la numa lista negra, se é que

já não está. Meu prédio está sem luz, o celular não funciona, e há três dias estamos sem água. O gás, ainda bem, não foi cortado. É a ele que me entregarei quando não suportar mais a ausência dela; meu último recurso, minha solução final.

58 dias

Ligo o gás. Deito no chão da sala e fecho os olhos. São 58 dias, mas o tempo agora já não tem mais divisões. Vejo Gabriela acordando ao meu lado na cama pela primeira vez, abrindo os olhos devagar e sorrindo seu riso de canto de boca, sinto o cheiro do seu cabelo, ouço sua voz me chamando... chamando... estico as mãos e posso sentir a pele do seu rosto... Preciso encontrá-la... preciso.

- - -

Abro a porta. Meus olhos doem, se acostumando com a claridade que inunda meu campo de visão. Cubro o rosto com um cachecol e coloco os óculos de mergulho de Gabriela para me proteger da fumaça dos carros de polícia queimando. Na mochila, garrafas d'água e a velha Luger do meu avô. Caminho sem olhar para trás.

Gabriela, você foi atrás da sua Revolução, agora eu vou buscar a minha.

Paisagem campestre

A sólida montanha a sua frente, com seus abetos de copas brancas anunciando um inverno antecipado, parecia duvidar dele. Como todos os outros da vila, como Rosa.

No início da caminhada, pensava nela e no que ela pensaria dele quando soubesse do seu feito. Depois de duas horas de subida pela quase apagada trilha, sentia-se invencível. Era isso que chamavam de trilha de nível difícil? Havia uma ou outra rocha traiçoeira, um riacho inesperado, poucos obstáculos de verdade à frente. Apesar de densa à distância, a floresta era generosa em espaços para quem ousasse cruzá-la. Não quis trazer consigo muito peso, a temperatura beirava zero grau, e contava com o calor que lhe traria o exercício constante naquele dia de sol em que partiu. Mas mal sabia que as dificuldades recém haviam começado. Quando percebeu que não sentia mais seus dedos, que a respiração era parca e que as dores de cabeça impediam-no de pensar propriamente, já havia ido longe demais para voltar atrás, e tinha poucas forças para seguir.

A briga com Rosa ainda o atormentava, e as palavras dela não saíam de sua mente.

— Arthur, entenda, eu quero alguém que esteja do meu lado, não que fique pra trás — disse Rosa desesperançada. — Você passa o dia no balcão daquela loja inútil, conversando com aqueles velhos idiotas, depois vai tomar cerveja e jogar sinuca com aqueles seus amigos analfabetos...

— O que tem eles? São boa gente!

— O que tem é que eles não têm futuro, Arthur! E se continuar como eles, não vai ter um futuro também! Como pode querer casar comigo, ter filhos, se ainda não saiu da adolescência, se mal sabe cuidar de si? Eu quero mais pra mim, Arthur!

Eu quero sair desse vilarejo maldito, não entende isso? E você não sai do lugar, não se mexe, não avança, sempre adiando as coisas. Já faz três meses que ia pedir um aumento pro Seu Vilibaldo, e nada...

– Seu Vilibaldo não é rico...

– Ora, deixe de ser frouxo. E a cabana na montanha que herdou do seu avô? Pelo amor de Deus, ele morreu faz 18 anos e ainda não teve a coragem de subir a montanha pra pegar o que é seu. Nem sabe se aquilo está inteiro ainda.

– Já disse que no próximo verão eu vou...

– Rá, foi o que disse no ano passado e...

– E aí torci o tornozelo, não estava em condições – interrompeu Arthur em voz baixa.

– E no próximo verão vai ser o quê? Quebrou uma unha?

– É que tem o urso...

– Que urso, Arthur? Todo mundo sabe que não tem mais nenhuma droga de urso nessa maldita montanha.

Fez-se um silêncio duro, ao fim do qual Arthur falou, com esforço:

– Mas... a gente tem tudo o que precisa aqui, é onde fomos criados, é onde temos memórias.

– Esse é o nosso problema! Você prefere viver de memórias, eu quero um futuro! E agora, Arthur, eu olho para o meu futuro, e simplesmente não consigo ver você nele.

– Mas Rosa... eu te amo...

– Sinto muito, Arthur – disse Rosa, desviando o olhar e se retirando.

Depois desse dia, Arthur passou duas semanas trancado em casa, bebendo e se afogando na pena de si mesmo. Depois disso, a resolução foi rápida. Pegou sua mochila, calçou as botas

de neve, esvaziou a despensa pegando todas as latas de conserva, e partiu. Ia mostrar para Rosa que sim, ela podia contar com ele, não era um fraco afinal.

A meio caminho do topo, aconteceu o que não previra: a temperatura baixou muito. Não saberia precisar quanto, mas já deveria fazer dez graus negativos. Cada passo dado era um esforço maior, cada perna pesando mais e mais. E teria apenas mais uma hora até que o sol se pusesse. Parou para descansar, olhou para trás. A luz do fim do dia cobria os telhados das casas num alaranjado quente, diferente do azulado frio que lhe aguardava jornada acima. Foi então que ouviu um barulho atrás das árvores.

Não podia ser, pensou. Mas era. O urso-pardo caminhava lentamente, de pescoço abaixado, como se farejasse por alimento, até que seu olhar encontrou o homem. Parou sério e se levantou, ficando sobre duas patas. Quatrocentos e cinquenta quilos de animal selvagem. Arthur estendeu o corpo devagar sobre a neve. Exceto por seu coração, que estava disparado, Arthur permaneceu imóvel depois de ver o urso. Era o conselho que ouvira do seu avô quando criança: ao avistar um urso, jamais corra. Se possível, deite-se e não faça movimentos. Ao se fingir de morto, ele perderá o interesse. O urso aproximou-se. Arthur, no chão e de olhos fechados, sentiu o bafo quente do animal, que examinava aquele corpo intruso no seu território. Depois de alguns minutos de silêncio, Arthur abriu os olhos e se descobriu sozinho novamente. Pelos seus cálculos, a cabana não deveria estar tão longe e, se juntasse todas as suas forças, conseguiria atingi-la antes do anoitecer.

Seguiu o resto do percurso sem surpresas. Aliviado, constatou que, exceto por pequenos detalhes, como um vidro quebrado

na janela e telhas faltando, a cabana estava habitável. Desenrolou seu saco de dormir no chão e apagou imediatamente, num longo sono. Na manhã seguinte, começou os reparos na casa, dispondo da antiga caixa de ferramentas do falecido avô. Permaneceu na cabana por meses, ocupado com os consertos. Quando terminaram, passou a inventar melhorias, como uma cama de madeira, para que não precisasse dormir no chão. Em questão de semanas, a velha cabana abandonada já era um lugar que, pensou ele, até a exigente Rosa acharia aprazível. Além disso tudo, entretinha-se com uma biblioteca de seis prateleiras, repleta de nomes desconhecidos, Golding, Dostoievski, Platão, Maugham, Shakespeare (desse já ouvira falar). No final de cada dia, se permitia pensar na sua pequena vila e, claro, em Rosa, seu principal motivo para estar ali. Descobriu em si um homem que ainda não conhecia, um homem que secretamente sempre ansiara ser. Um homem de ideias e de atitude, que não esmorecia ao primeiro obstáculo. Não era um frouxo, afinal. A própria vida na aldeia começara a tomar outro sentido para ele, parecia pequena, mesquinha, circular. Do telhado da cabana, avistava a planície ao longe, coberta por esparsos pontos pretos, os homens pequeninos, cada vez menores. Nisso Rosa estava certa, havia mais que aquela vidinha, um mundo de possibilidades esperando por eles. Estava resolvido: se casariam e sairiam de vez do vilarejo, a vida pulsante esperava por eles na cidade grande. Voltaria e deixaria Rosa também descobrir o novo Arthur, um Arthur melhor, completo, decidido.

Saiu antes de o sol nascer, esperando chegar à aldeia no início da noite. Para sua surpresa, a descida foi mais difícil que a subida. A neve espessa já tomava boa parte da montanha. Seus pés afundavam pelo menos dez centímetros, tornando infinitamente maior o esforço de cada passo. Dessa vez, não

encontrou o urso-pardo, certamente no seu período de hibernação. A pressa de chegar o fez ignorar galhos e pedras no caminho, sua jaqueta estava cheia de pequenos rasgões no tecido e sua calça, embarrada. A espessa barba, desconhecida até então por ele mesmo, protegia seu rosto de folhas e insetos incômodos.

Chegando à aldeia, deparou-se com ruas vazias e silêncio. Um menino corria pela rua com um cesto de pães na mão. Arthur perguntou a ele:

– O que houve? Onde estão todos?

– Na festa! Lá no salão de bailes – respondeu o garoto esbaforido, sem parar de correr.

Então reconheceu o ruído de música ao fundo, vindo do sul da aldeia, no salão atrás da igreja. Como o menino, correu. A mochila pesada o atrapalhava, e deixou-a pelo caminho, ultrapassando o garoto no caminho. Ao chegar ao portão do baile, nem percebeu o quanto seu aspecto sujo e cansado, de olhar atônito, contrastava com as roupas alegres das pessoas que dançavam e sorriam. Ainda assim, pareciam não notá-lo, como se sua prolongada ausência o tivesse transformado em um espectro. Era por certo uma festa de casamento. Conseguiu divisar uma mulher de vestido branco, de sorriso aberto e sincero, a mais bela entre todas as que já vira. Dançava alegre, solta. Em um de seus delicados dedos, brilhava em ouro o nome de Tony, o filho do comerciante mais próspero da região.

Arthur virou as costas e seguiu para casa. E nunca mais subiu a montanha.

**Conto baseado na letra da canção Paisagem Campestre, de Nei Lisboa.*

Enclausurado

Sentindo falta das doses etílico-sanguíneas, me tornei irascível ultimamente. O que impacientou meus algozes. Hoje pela manhã me propuseram: “Se provares que és um vampiro, te libertaremos”. Como se alguma dúvida ainda restasse! Considerei a proposta deveras humilhante: ser obrigado a provar que sou quem sou, mesmo depois de tantos anos aqui. No entanto, como meu desejo de liberdade é mais importante que tudo no momento, aceitei sem relutância. Pedi um espelho e esperei.

- - -

Sim, sou um Vampiro. E em virtude de um momento de distração fui colocado aqui, privado do convívio com a sociedade. Não que eu muito preze os habitantes desta cidade do sul do Brasil, mas aqui encontrava com facilidade o meu tipo de sangue preferido: o das adictas em álcool. Em seu estado normal, o sangue já me apetece, mas acrescido do álcool ele se altera sobremaneira. São adicionadas mais doçura e suavidade e é subtraída a acidez dessa apreciável iguaria. Sou capaz de discernir até que tipo de bebida foi ingerida. Vodca, uísque, vinho tinto, champanhe, cada um contribui com algo diferente ao paladar. Também é esse o único modo pelo qual me apraz sua ingestão, me proporcionando uma leve e alegre embriaguez. Assim, minhas vítimas são geralmente bastante acessíveis.

Escolho-as em bares, à noite. Não tenho dificuldade para persuadir minhas fontes de alimento a se entregarem aos meus cuidados. O trabalho é simples, minha beleza e gestos macios se encarregam da sedução. Outras vezes, em urgentes madrugadas, encontro-as adormecidas, em ruas escuras e calmas,

com seus corpos estendidos nas calçadas, de braços abertos, como que gentilmente se oferecendo a mim. Nessas presas em particular, não é nada difícil sentir o sabor agressivo de cachaça. Claro, em ocasiões, sou obrigado a suportar odores desagradáveis em suas roupas fétidas, mas o ritual de sangue que vem em seguida compensa qualquer sacrifício.

Não se precipite ao me tomar por um vampiro banal, de livros, caricaturas não me caem bem. Não sou um estereótipo ambulante, tenho método. Meus caninos não são pontiagudos ou longos o suficiente para perfurações certas na jugular; tampouco é minha intenção tirar a vida dessas mulheres. Por que faria isso, se posso sugar-lhes diretamente de uma fonte natural e periódica? Desejo-lhes apenas o sangue alcoólico.

Identifico-as sem dificuldade, evidentemente pelo cheiro. Por mais que tentem disfarçá-lo com seus perfumes, loções e cremes, seu odor metálico, agridoce, acobreado, punge minhas narinas, e reconheço meu alvo de imediato. Com frequência, minhas escolhidas resistem. E, ingênuas, usam como pretexto para não se entregarem a mim justamente o meu maior fator de atração. Como hábito, estão protegidas, mas me basta puxar-lhes o cordão branco e aguardar o fluxo. Enquanto espero, chupo o objeto encharcado até que fique novamente claro e exangue. Certo é que, por vezes, sou levado a aplicar-lhes remédios, ou mesmo a força, para sugar seu líquido morno, e terminamos a noite com mais sangue nos lençóis do que seria necessário. Em tempos de escassez, tenho que me contentar em vasculhar lixeiras em banheiros femininos.

Não apenas o gosto me atrai, a sensação de domínio no momento do ato de sucção me propicia um gozo singular. Sinto estimulações sensoriais extremas, inatingíveis através de

quaisquer outras atividades ou experiências que já vivenciei. Creio que, no que diz respeito ao prazer e às ânsias do espírito, nada pode ser negado, ainda mais considerando que porto um eternamente flácido e portanto desprezível membro. Mas querem dar fim ao meu prazer, minha mais importante razão de viver. Sei por que me colocaram aqui. Sou uma ameaça à ordem constituída. Sou uma inspiração aos de espírito rebelde. Meu estilo de vida é uma ode ao individualismo anárquico. Mas eles não me entendem! Não quero ser exemplo. Quero seguir sozinho...

Amarram-me, me isolam, me dopam. Examinam-me os dentes. Às vezes questionam minhas habilidades a fim de pôr à prova meus poderes. Querem me atordoar e assim anular minha existência. Ignorantes... não é desse modo que se elimina um Vampiro.

- - -

O espelho veio. Já antegozava o momento em que encararia suas faces perplexas ao contemplarem nada no espelho além de seus próprios semblantes aparvalhados, o que os forçaria automaticamente a cumprirem sua palavra, me libertando. Todavia, colocado o grande objeto retangular a minha frente, suas reações não foram as por mim esperadas. Apesar de a minha bela figura não refletir, as feições deles não sofreram alterações.

Perplexo fiquei eu ao ver o grotesco ser que colocaram dentro do espelho. Tinha uma saliência abdominal ultrajante, um embaraçoso princípio de calvície e um olhar vago como o de um bovídeo.

Durmo

Três horas da manhã e durmo pesado, depois da vodca e do sexo. Já tive dois sonhos. Só acordarei às oito horas desta quinta-feira, ao som do alarme persistente do rádio-relógio.

Ao meu lado, ela, minha amada, folheia as páginas de um livro que pegou na biblioteca de casa. Desvia os olhos e se vira para mim grave, como se estivesse pensando em algo enigmático que eu acabei de dizer. Desliga o abajur. Aos poucos, seu rosto, sob a luz irregular da TV silenciosa, se transforma. As sobrancelhas se vergam e os cantos da boca apontam para baixo, os lábios apertados. Chora por dez minutos. Toma mais um gole de vodca. Vai até o banheiro urinar. Se olha no espelho. Volta para a cama. Coloca som na televisão para disfarçar o irritante ruído de meu ronco desritmado. Troca de canal. Um tele-evangelista irritado. Um desenho antigo do Pica-Pau. Um clipe de uma banda que eu gostava nos anos 90, mas que hoje tenho vergonha de ouvir na frente dos outros. Outro pastor, mais calmo. Sem acordar, resmungo algo que ela entende como reclamação, e diminui o volume.

Ela se levanta novamente, vai até a cozinha. Abre a geladeira e esquece seu olhar vago na única luz do ambiente. Ignora as cores e pega a garrafa d'água. Se serve num copo. Uma, duas, três vezes, como se quisesse afogar alguma angústia. Volta para a cama. Observa meu rosto liso azulado por um programa de vendas de eletrodomésticos que nunca compraremos.

Ela me encara lenta, comprimindo os olhos. A expressão passa de tristeza para raiva. Sai da cama mais uma vez. Dormindo nu, de barriga para cima, permaneço imóvel. Ela volta à cozinha. Abre uma gaveta e pega uma faca de carne, que reflete os seus angustiados olhos escuros. Sentada na borda da cama,

remove o lençol e expõe meu abdômen. Empunha a faca com as duas mãos e ensaia o gesto de ataque, ficando imóvel, e depois recua. Encosta o metal frio na minha garganta. Se eu despertar agora, o que vou pensar? Ela desce a lâmina, deslizando-a no ar até a altura do meu pênis amolecido e ainda úmido dela. Minhas bolas, expostas aos 17 graus do ar-condicionado, procuram uma posição mais confortável e rearranjam espaços dentro do saco escrotal, que, enrugando-se, encolhe. Sonho meu terceiro sonho, do qual jamais me lembrarei. Ela olha para o meu rosto e deseja que eu tivesse barba, que eu não tivesse nascido, que não tivesse me conhecido naquela academia da Zona Sul, que não tivéssemos feito aquela viagem a Buenos Aires há três anos, que não tivesse engravidado de mim, que não tivesse tanto ciúme, que não tivesse comprado aquela SUV que tem dificuldade de estacionar.

Guarda a faca na gaveta, sem limpá-la.

Clarissa

Tenho consulta com a doutora Clarissa às 15h30min. Normalmente escolho médicos pelo nome. Olho a lista dos conveniados e é ali que decido. Gosto de nomes sonoros, fortes, nada de sobrenomes comuns, como Garcia, Oliveira ou Alves, muito menos Silva ou Santos. Quero nomes que me deem algo para imaginar antes mesmo que eu entre no consultório. Meu cardiologista, Boris Pakter, escolhi pelo nome. Imaginava-o um senhor alto de rosto fino, barba grisalha, de óculos, e era assim mesmo. Também não perdi a oportunidade de consultar com Dr. Bucco, cirurgião-dentista, apenas pela coincidência de seu nome com a profissão. Não foi o caso de Clarissa, nome de um livro nunca lido de Verissimo. Clarissa Pereira, com seu sobrenome banal, me foi recomendada por um amigo, mas nada me inspirou além de indiferença, um nome insosso, sem passado, sem futuro. Como viver assim, com um nome sem história?

Atravesso a praça. Ainda tenho meia hora. Perto do rio, no ponto de ônibus, observo duas freiras de preto e branco. São italianas. Bela língua que falam, mesmo a freira muito gorda fica um pouco sensual. Tento ouvir o que dizem. Meu italiano não é grande coisa, e os sons da rua dificultam ainda mais a compreensão. Passa o carro de som de um candidato a vereador tocando seu jingle distorcido a todo volume. A magra comenta, em meio a um suspiro: “Adoro música brasileira...”

Sigo sem pressa pela Rua da Praia, evitando como posso esbarrar nas pessoas pelo caminho, tarefa difícil nesse mês que precede o Natal. Adiante, um grupo se junta na calçada, olhando para cima. Do alto de um prédio comercial, uma mulher se pendura na janela, imóvel. No calçadão, os espectadores formam um círculo, como se houvesse um artista de rua se apresentando naquele

vazio. Também olho para cima, mal podendo ver a mulher no peitoril, atrapalhado pelo sol da tarde. À minha volta, a turba cresce.

Mulheres de sacolas nas mãos inclinam os pescoços, as bocas entreabertas. Trabalhadores fazem uma pausa com as mãos na cintura. Crianças vidradas são puxadas firmemente por mães preocupadas. Uma senhora de cabelos longos faz o sinal da cruz. Ouço o primeiro grito de “Pula!”. O office boy ao meu lado, num reflexo, faz com as mãos uma concha próximo à boca e repete a frase, que também é gritada por outros, em seguida bate o cotovelo no amigo, buscando cumplicidade. O vendedor de churros chega silencioso, ficando à disposição do público. Volto a olhar para cima. O único movimento da moça é o da sua saia, que balança agora ao vento. — “Deu pra ver a calcinha dela!” — comenta entusiasmado um homem de gravata. — “É preta...” — complementa para si mesmo. Um bêbado cambaleante para, protegendo a vista com a mão, olhando sério, parecendo até recobrar a sobriedade, e de repente grita algo ininteligível, apontando o dedo para cima. Olho meu relógio, estou próximo do atraso, e deixo o grupo, já ouvindo as sirenes dos bombeiros.

Subo até o décimo terceiro andar. No consultório, antes que eu me desculpe pelo atraso, me avisam que a doutora ainda não chegou, mas que está a caminho. Folheando revistas semanais do mês passado, espero por mais de trinta minutos, o que considero o limite do aceitável. Vou ao banheiro. No caminho, ouço o grito contido da secretária ao telefone, que passa a sussurrar: “Onde? Meu Deus, como assim? Tem certeza que é ela? O que eu vou dizer pros pacientes?”

Quando volto, a secretária me chama.

“Vou te pedir mil desculpas pela espera, mas a doutora Clarissa teve uma... ãhh... emergência... e não vai poder comparecer ao consultório hoje. Gostaria que eu visse um horário para o senhor para a semana que vem?”

15h30min

No escritório, Joaquim Pereira, 49 anos, olha atento para o velho relógio de madeira na parede oposta a sua mesa. Esfrega inquieto as mãos suadas. Numa delas, está a aliança de ouro que usa há mais de quinze anos. O suor brota incessante de sua cabeça calva e escorre pelo rosto rotundo. As lentas hélices do ventilador de teto há muito já não mitigam o mormaço, contentando-se apenas em deslocar o ar abafado e morno de um lado para outro. Tira os óculos de armação de casco de tartaruga para examinar-lhes as lentes embaçadas. Pega o lenço no bolso. Está sujo e grudento, pois no café da manhã deixou cair geleia na camisa e preferiu tentar limpar com o lenço a trocar de camisa e correr o risco de se atrasar para o trabalho, ao qual nunca faltou. O desbotado bege da camisa – que pouco se ajusta à gravata borboleta azul marinho – ao menos oculta bem as antigas manchas de suor seco no tecido ao redor das axilas. O cinto na calça de linho aperta-lhe a vasta região abdominal, principalmente a bexiga. O elástico do suspensório dói-lhe vagarosamente nos ombros. Com o calor e o cansaço, o desconforto aumenta. Seca a testa com o lenço, e mais uma gota de suor escorre-lhe pela gomosa papada. Olha mais uma vez para o relógio.

Já aprendeu que hoje, sendo quarta-feira, seu chefe, Andrade, sairá mais cedo do escritório, no meio da tarde, e não mais retornará, alegando compromissos inadiáveis. Seus colegas de departamento, Oscar e Antônio, já estão habituados à rotina do chefe, portanto disfarçam bem as olhadelas ao relógio, afinal o horário de saída é, ou deveria ser, às 18 horas. O único a demonstrar ansiedade ali é Pereira. Desde que encontrou um anônimo bilhete na sua caixa de correio, há algumas

semanas, não tem mais sossego ao dormir. Dizia o papel, em letras datilografadas:

Cuida da tua mulher

Não conseguindo pensar em um possível autor ou autora, desistiu de investigar a origem da mensagem e se dedicou ao seu conteúdo: o que poderia dizer aquilo? Esforçou-se para ignorar a dedução mais óbvia do significado da frase, mas não por muito tempo. Traição? Não! Nunca, minha doce Dorinha jamais seria capaz, ninguém pode ser mais santa, dizia para si, tentando se convencer da fidelidade da mulher. Chegando em casa, no mesmo dia em que achou o bilhete, tentara desvendar em Dora posturas que a denunciassem: nada, a mesma de sempre, na pura inocência que lhe era própria. A atitude da mulher, porém, não foi o suficiente para tirá-lo de sua crescente angústia. Até mesmo porque, semanas depois, recebeu outro recado, com a mesma letra datilografada, dizendo somente:

15h30min

15h30min. De início, ficou confuso, mas com o passar dos dias, observando ao seu redor, não demorou a perceber uma referência para o 15h30min: a saída antecipada do seu chefe, toda quarta-feira, era às 15h30min. Não poderia ser! Ou poderia? Para tirar a dúvida, decidiu também sair mais cedo do trabalho, tão logo Andrade se ausentasse.

Às 15h35min, após pôr em ordem seus papéis e canetas, levantou-se e disse aos colegas:

– Não me sinto muito bem... muito calor hoje. Acho que o Andrade não se importaria se eu fosse para casa mais cedo hoje, não é?

Oscar e Antônio olharam surpresos para Pereira. Ao contrário deles, nunca havia saído antes do fim do expediente em sete anos trabalhando ali na seção, nem mesmo quando recebeu a notícia do falecimento da sogra, há meses.

– Que é isso, Pereira? – disse Oscar tentando dissuadi-lo. – Toma um copo d’água.

Antônio completou:

– Vai até o banheiro, lava o rosto, vais te sentir melhor.

– Não, acho que vou pra casa mesmo. É a pressão, preciso me deitar – disse Pereira.

Os colegas entreolharam-se. Por fim, Oscar falou enfático:

– Tenho uma ideia melhor: que tal irmos nós três ao bar do Seu Manolo para tomarmos um ou dois canecos de cerveja? Que tal?

– Ótimo! – respondeu Antônio. Assim, os três partiram.

Ao chegar ao bar, Pereira pensou que desse modo, talvez, fosse até melhor, tentaria relaxar e esquecer o seu tormento. Mas, depois do segundo copo, viu que nada iria tranquilizá-lo mais do que ir à própria casa e tirar a angústia do peito. Mais uma vez os colegas tentaram dissuadi-lo. Sem sucesso desta vez.

Ao abrir a porta de casa, notou o rádio ligado com música alta. Com certeza Dora está lavando roupa a esta hora e ligou o rádio nesse volume para poder ouvi-lo lá da área de serviço, pensou. Sentiu-se estúpido e injusto, reconhecendo que errara ao desconfiar da inocente esposa. Caminhou em silêncio até a área, estava vazia. Ninguém na cozinha também. O banheiro,

desocupado. No quarto, empurrou devagar a porta entreaberta. Pôde distinguir, na penumbra, dois corpos em movimentos ritmados na cama. Reconheceu o anel de rubi na mão que premia as costas nuas e suadas de Dorinha. Iracundo, bateu a porta e saiu de casa a passos rápidos. Aqueles gemidos não lhe saíam da cabeça. Perambulou a noite inteira pela parte velha da cidade, indo de bar em bar, imerso em sentimentos confusos, que iam ora da raiva à paixão, ora da perplexidade à resignação. Voltando para casa, numa enjoada embriaguez, encontrou a mulher dormindo. Deitou-se, tonto e calado.

Na manhã seguinte, ainda indisposto, logo ao entrar na seção, a secretária informou-lhe que o chefe Andrade queria lhe falar com urgência. O que poderia ser? Como encará-lo depois de tudo? Como reagiria? Formulava estas perguntas enquanto se dirigia lentamente à sala do chefe.

— Mandou me chamar? — Perguntou Pereira, forçando desembaraço.

— Sim, sente-se, por favor. Joaquim, é o seguinte... posso te chamar de Joaquim, certo? Afinal já são tantos anos aqui trabalhando, se dedicando com tanto afinco. Sim, sim... venho lhe observando, Joaquim. Os teus serviços são de grande valia para todos nós. Digo isso de coração. És competente e dedicado, disso não há dúvida. Por isso mesmo resolvi compensar-lhe, ou melhor, recompensar-lhe. A partir da semana que vem, passas ao cargo de supervisor regional, com um aumento de trinta por cento no seu salário, não sem propósito, pois a responsabilidade de um supervisor regional é enorme. E então, o que lhe parece?

Joaquim Pereira emudeceu por alguns segundos. A palavra sacripanta ficou atravessada na sua garganta como uma espi-

nha de pintado. A imagem do dia anterior ainda lhe dava arrepios, o grito de gozo ainda ecoava em sua memória. Quanta ousadia! Andrade aguardava a resposta em pose descansada, coçando o queixo. Pereira por fim respondeu:

– Obrigado, Andrade, essa promoção veio mesmo em boa hora.

– Excelente! Tenho certeza de que vais desempenhar muito bem a nova função. Mas lembre-se, é bastante responsabilidade. Isso pode significar pequenos sacrifícios, horas extras talvez... – disse Andrade cofiando uma das pontas do bigode, o rubi brilhando entre os dedos.

– Podes deixar comigo. Não vou decepcioná-lo.

Como previra o chefe Andrade, os dias que se seguiram foram mesmo de muito trabalho, mas Pereira estava satisfeito: o chefe aumentara-lhe o salário, ganhara uma posição de relativo prestígio no escritório, e Dora, em casa, andava bem mais prestativa e carinhosa do que jamais fora. Sempre muito ocupado, Pereira nem percebeu nada estranho no novo tratamento dentário a que Antônio vem se submetendo há três semanas, quando sai do escritório toda quinta-feira, às 15h30min.

[Texto ligeiramente inspirado em uma anedota de português]

O reverso do silêncio

Difícil precisar quando exatamente começou; é possível demarcar o início de vários silêncios? Não se trata de cada período em que haja ausência de ruído, me refiro ao silêncio que importa, ao silêncio que me sufoca. Mas se tivesse que estabelecer uma data, seria 29 de outubro, no meu aniversário de 27 anos.

Dei uma festa em casa, com 19 convidados. Em casa é modo de dizer, foi no salão de festas do meu prédio. Não cabem 19 pessoas no meu apartamento, no máximo umas 7, no limite do conforto. Também “dar uma festa” é modo de dizer, cada um que veio contribuiu com algo, de comida ou bebida ou ambos. Se fosse lá onde eu morava, chamaríamos de potluck. Desses 19, pelo menos 12 chamaria de amigos, e, desses 12, chamaria 7 de bons amigos.

Como de hábito em ocasiões sociais, bebi até atingir uma embriaguez controlável, dando, de hora em hora, eventuais goles em uma garrafa de água mineral com gás. Rimos bastante, se conversou alto, as vozes ficaram mais altas que a música, e aumentei o volume do som. Coloquei uma seleção de músicas variada, tentando conciliar o gosto padrão dos outros, mas sem me corromper. Terminou com Frank Sinatra cantando *My Way* às 3h45 da manhã. A meia dúzia que ainda resistia entendeu o sinal de fim de festa e começou a chamar os táxis. Os acompanhei até a rua, me despedi de cada um, com um beijo e um abraço, com exceção dos homens. Nesses, dei apenas um semiabraço. Mal sabia que seria a última vez que falaria com a maioria deles.

Não, já tranquilizo você, não houve um trágico acidente de carro naquela noite e ninguém dos que estavam lá morreu até hoje. O que aconteceu ainda é difícil de explicar, e faço um esforço para isso

nestas linhas, na tentativa talvez vã de, ao recapitular os fatos, encontrar uma brecha, uma pista, um caminho para a solução. Como disse, foram muitos silêncios, mas devo começar pelo primeiro.

Matilda. Sim, faço uma pausa logo depois do nome. Matilda não é comum. É um nome de velha, e ela não era velha, tinha 25 anos. Suas amigas a chamavam de Máti, nesse costume comum no sul do Brasil de reduzir os nomes de moças pela metade ou apenas a uma sílaba. Páti. Jaque. Lu. Fê. Mári. Essa pode ser Mariane, Mariana, ou até mesmo Marilda, nunca vamos saber. Dias depois do aniversário, mandei uma mensagem para Matilda, minha melhor amiga, convidando-a para sair. Sair significava ir a um bar tomar cervejas e falar da vida. Ou reclamar dela. Não estranhei que não tivesse resposta, o sistema de telefonia brasileiro não é confiável, e às vezes as mensagens simplesmente não chegam ao destinatário. Mandei então outra. E mais outra. Ela finalmente respondeu, disse que não podia beber esta semana, mas que poderíamos almoçar. Marquei o lugar e o dia, e na noite anterior pedi uma confirmação. “Almoço amanhã, vadia?” Era a primeira vez que usava o recurso do insulto de amizade com alguém da raça feminina. Você sabe como é, quanto maior o respeito e consideração pelo amigo, mais pesado o xingamento. Me senti bem ao fazê-lo. Enviei outra mensagem pela manhã, e não respondeu. Como não houve confirmação, não fui ao almoço. Ao longo do dia mandei mais mensagens, todas sem resposta. Liguei. Não atendeu. Mandei e-mail e me vali de outros recursos internéticos feitos para aproximar as pessoas. Nada. E assim se passaram quinze dias.

Para um homem, um silêncio longo assim é carregado de significados. São tantos, que se embaralham e ficam ilegíveis. Estaria deprimida a ponto de se isolar do mundo? Estaria com

um novo amor, esquecida da vida? Teria eu feito algo, dito alguma coisa errada? Teria morrido? Sido sequestrada? Fora atropelada na faixa de pedestres e seus miolos ficaram espalhados pelo asfalto numa manhã de terça-feira?

Não. Vi que ainda postava coisas na internet toda semana. Falei com seu irmão. Ele disse que ela estava ótima e havia falado com ele no dia anterior. Era só comigo que ela não falava mesmo. Fiquei aborrecido e intrigado, pois continuava sem saber o motivo. Em conversas com outros amigos, o silêncio de Matilda virou meu assunto principal. Todos concordavam comigo que era um comportamento estranho mesmo. Me senti aliviado ao constatar que a anormalidade não vinha de mim.

Numa noite, atendendo a inesgotáveis pedidos de uma amiga, Rita, fui a um pub irlandês com ela. Ficava na rua mais cara da cidade. A banda tocava músicas do momento e clássicos do rock, Eye of the Tiger, Beatles, Bob Marley e outras coisas tão chatas quanto. Como sabia que a cerveja seria cara demais, bebi quatro latões antes de entrar. Depois de duas hefeweizen, Rita já estava bêbada, eu apenas entediado. O bar, pude notar depois de alguns minutos observando as pessoas enquanto esperava Rita voltar do banheiro, era um lugar em que as pessoas vão para buscar parceiros sexuais. O estranho era que as roupas pareciam uniformes. Os homens, todos medindo exatos 1,85m, gel no cabelo, sapato preto, camisa de mangas compridas dobradas até o cotovelo. As mulheres, cabelos alisados soltos ou presos num rabo de cavalo 9 centímetros acima da nuca, salto alto, calças desconfortavelmente apertadas, brincos dourados e batom brilhante. Rita me apontou uma moça e levantou as sobrancelhas, como que dizendo, “Por que não chega ali?”. Olhei. Ela dançava. Tinha cabelos

presos num rabo de cavalo 9 centímetros acima da nuca, salto alto, calças desconfortavelmente apertadas, brincos dourados e batom brilhante. Olhei para sua bunda grande malhada em academia. Com o som alto demais, desisti de explicar para Rita que aquele espécime não era exatamente o que procurava para uma cópula. Por que as mulheres usam batom, afinal? Os homens detestam batom.

Quando voltei do banheiro, Rita estava entretida com dois rapazes cuja semelhança no vestir lembrava aqueles gêmeos de 5 anos. Não querendo importuná-la, enviei uma mensagem dizendo que ia embora dali em breve. Ela olhou a mensagem e não respondeu. Fui embora de ônibus noturno. No caminho, vi que havia uma mensagem de Rita, dizendo para eu jamais deixar uma amiga bêbada sozinha na “balada” com dois desconhecidos e uma garrafa de tequila. Não respondi nada na hora, pensando em elaborar uma desculpa melhor quando chegasse em casa.

Duas da manhã, começando a ficar com sono, procurei por alguém on-line. Havia três amigos, dei olá para todos. Não houve resposta. Decerto dormem, pensei, e tratei de fazer o mesmo. Quando acordei, enviei uma mensagem de desculpas para Rita, explicando que achei melhor não atrapalhar o momento. Não respondeu. Chamei outra amiga para conversar sobre isso, pois, apesar do pedido de desculpas, não achei que tivesse feito algo errado. Ao longo do dia, devo ter chamado 8 pessoas diferentes on-line, sem qualquer resposta. Por certo um problema na minha conta, no meu computador ou algo assim. Mande mensagens pelo celular. Nada. Liguei. Caixa postal. Era o silêncio que, como uma queda brusca num sonho, entrara na minha vida.

Os dias seguintes transcorreram assim. Não consegui contato com qualquer amigo ou amiga, seja por telefone ou internet.

Eu mandava mensagens diariamente, até para aqueles com quem não falava há tempos. Comecei a mandar mensagens para os namorados de amigas. Depois, mesmo sob o risco de ser mal interpretado, para namoradas de amigos. Nada. Continuei postando em blogs, redes sociais, ninguém comentava, ninguém curtia.

Minha vida social começou a se restringir ao supermercado perto de casa. Via pessoas, me entretinha nas minhas compras de meia hora, só pra chegar ao caixa e ouvir um “Boa noite” da moçinha. Ela apenas me olhava, e apontava o valor no terminal, sem dizer qualquer palavra. Nos outros caixas, observei, todas diziam “Boa noite”. E ainda diziam sorrindo. A preocupação inicial deu lugar a desespero. Até que uma amiga me respondeu. Sinara. Eu a convidei para sair, e ela respondeu com um emoticon: . Entendi como “sim” e marquei hora e local. Fui a um bar popular, onde as chances de encontrar alguém conhecido eram grandes. Vi um ex-colega de trabalho. “Opa, tudo bom?”, eu disse. Ele ergueu as sobrancelhas e contraiu os lábios. E só. Me senti e minha amiga chegou. Pedi logo uma cerveja e dois copos. Secretamente, comecei a gravar nossa conversa no celular, para guardar e escutar depois, carente que estava de vozes alheias dirigidas a mim. Conteí a ela sobre meu tormento, ela concordou que era realmente estranho. Falei que não entendia o porquê, que pelo menos deveriam me dizer o motivo. O silêncio jogado na cara pode ter mil interpretações. Ela aquiesceu. Finalmente alguém do meu lado. Lhe falei de todas as minhas tentativas frustradas de contato. Ela compreendia minha confusão. Foi um alívio. Depois de 5 cervejas, paguei a conta e fui pra casa. Chamei outros amigos pela internet, ninguém respondeu. Adormeci.

Naquela noite sonhei que estava no auditório do meu antigo colégio. Estou sentado na terceira fila, quando alguém cha-

ma o meu nome. É a professora Diocícia, de matemática, me pedindo para subir ao palco, onde um microfone me espera. Ouço gritos da plateia. Aplausos. Fico em frente ao microfone, a luz me cega e não posso enxergar o público. Seguro uma folha onde está escrito meu discurso. Cada vez que vou ler, as letras se embaralham, correm pelo papel da esquerda para a direita, me escapam. Pego o microfone, mas não sei o que dizer. Olho para os lados procurando um olhar cúmplice. Há uma mulher de preto que olha para o alto e um homem de branco que olha para o chão. Uma sirene toca muito alto, luzes vermelhas se acendem, há fumaça. Sinto calor. Acordo suado.

Pela manhã, depois de preparar o café, me lembro da gravação que fiz com minha amiga no bar. Não tomo café. Tomei suco de laranja e comi um sanduíche de queijo, tomate, mostarda caseira, que eu mesmo fiz, e orégano. É a gravação de número 7 no meu celular. Eu começo falando, pauso, retomo o pensamento. Faço perguntas que eu mesmo trato de responder. E apenas ouço a minha voz pelos 24 minutos seguintes, até acabar a memória.

Note-se, não sou um falador compulsivo. Não costumo interromper a fala das pessoas. Um pouco autocentrado, talvez, mas duvido que em alguma época de minha vida tenha sido conhecido pela tagarelice.

Aquilo começou a me afetar de verdade. Procurei uma psicóloga. Marquei pelo site do convênio. Escolhi ela pelo nome. Maria Tormenti. Era um consultório bem decorado. Entenda-se que um consultório de terapeuta bem decorado é tomado pela simplicidade e discrição, sem muitos elementos distrativos. Um arranjo de flores secas num vaso comprido, uma estante de livros de apenas duas prateleiras, um quadro em aquarela de algum desconhecido. Duas poltronas e um divã. Sentei-me numa das pol-

tronas, a virada para a janela. O sol me perturbava, ela modificou a direção das paletas da persiana com a parte interna voltada para cima. Cruzou as pernas. Ficou me olhando. Fiquei em silêncio, esperando perguntas. Cruzou as mãos, franziu a testa. Comecei a falar. Quando me dei conta, ela apontava para o relógio. Haviam se passado 50 minutos. É quanto dura a hora do analista, que parece viver numa outra realidade de espaço-tempo. Peguei meu guarda-chuva e fui embora, mais confuso do que quando entrei.

Trabalhava em casa, revisando páginas mal escritas e traduzindo textos tediosos. Alguns trabalhos eram mais curtos, com prazos relâmpago, outros podiam durar várias semanas. Não recebia e-mails para trabalhos novos, mas continuei com três trabalhos longos que ocupavam boa parte do meu dia. Terminia não receber mais proposta alguma. Os e-mails que enviava para editoras não eram respondidos.

Como teste com o meu servidor de e-mail, enviei um para meu próprio endereço. Não recebi. Enviei outro, por outro servidor, também sem efeito. Há algumas semanas, escrevi uma carta para mim mesmo. Não dizia muito, só uma narrativa dos fatos do dia, o que comi, o que li, etc. A carta nunca chegou ao destinatário-remetente.

A sessão seguinte, na terapeuta – sim, houve sessão seguinte –, foi diferente. Eu não ficaria mais falando enquanto ela apenas ouvia. Inverteríamos os papéis. Me sentei (dessa vez me sentei, não sentei-me) na frente dela e nada disse, esperando que ela tomasse a iniciativa. Depois de cinco minutos, ela descruzou e cruzou as pernas, e apoiou a cabeça na mão direita, polegar no queixo e a ponta do indicador próxima ao olho direito. Continuei me segurando para não falar. Passaram-se dez minutos, quinze. Comecei a impor meu silêncio agressivamente, com

olhares de desafio. Ela desfez a pose, descruzou as pernas, segurou uma mão na outra. Até que, discretamente, olhou para o relógio de parede acima do meu ombro esquerdo, em seguida olhou para o seu de pulso dando duas batidinhas leves nele com o dedo. Cinquenta minutos.

Saí dali e fui para um bar vazio. Fiz um sinal com a mão, e o garçom me trouxe uma cerveja. Depois outra, e mais outra, e outra. Segui para casa caminhando, mesmo quando começou a chuva, e levei 53 minutos para chegar em casa, indo direto para a cama. Acordei com o sol nos olhos interrompendo meu sono. Havia terminado o último dos meus três trabalhos, recebido o depósito na conta, mas não havia mais nada em vista. Em breve, ficaria sem dinheiro. Já começara a economizar, ou melhor, a comprar comidas mais duradouras e baratas, como macarrão instantâneo, arroz e lentilha.

Abri o e-mail apenas por hábito, pois há dias que não recebia nada. Comecei até a sentir falta dos irritantes spams. Quer receber um brinde grátis se assinar nossa revista? Adoraria um brinde grátis! Quer aumentar o tamanho do seu pênis? Sim, por favor, nenhum homem está satisfeito com o tamanho do seu pênis. Viagra com 50% de desconto? Por que não, minhas masturbações serão mais duradouras. Uma parceria com uma herdeira de uma fortuna em Uganda? Não preciso nem pensar duas vezes. Não, nem isso recebia mais. Mas, naquela manhã, havia um e-mail para mim.

Era de uma editora para onde eu havia mandado meu currículo há meses. Diziam para eu contatá-los com urgência. Foi tudo muito rápido. Depois de um teste por internet e uma entrevista por telefone, perguntaram quando eu podia começar. Agora mesmo, eu disse. A editora ficava em outra cidade,

em outro estado. Não foi difícil deixar o que tinha para trás. Ninguém falou comigo no aeroporto, mostrei identidade no check-in, depois o bilhete no portão de embarque, sentei no assento 24-D e adormeci. Acordei com a comissária de bordo perguntando o que eu gostaria de café da manhã. Eu olhei para ela sem entender direito. Ela estaria falando comigo mesmo? Eu disse que queria suco de laranja. Ela serviu suco de laranja.

– Com gelo ou sem? – perguntou.

Não acreditei naquilo. Estaria sonhando?

– Sem! – falei num susto.

– Não, com! – me corrigi para testar o efeito de minhas palavras.

Ela acrescentou gelo ao meu copo.

No desembarque, a mesma coisa, alguém me disse com licença; uma senhora pediu para eu alcançar sua mala no bagageiro, e ainda agradeceu; um taxista ofereceu seus serviços. Pessoas falavam comigo. E assim seguiu a minha vida, normalizada. Me adaptei rápido à rotina da editora. Em seis meses nesta bela e ruidosa cidade, fiz amigos. Bons amigos. Até arranjei uma namorada. Há dois dias ela não atende minhas ligações.

Mas não vamos nos precipitar.

Esta publicação foi composta utilizando-se as famílias tipográficas Simonetta e Warnock Pro.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

